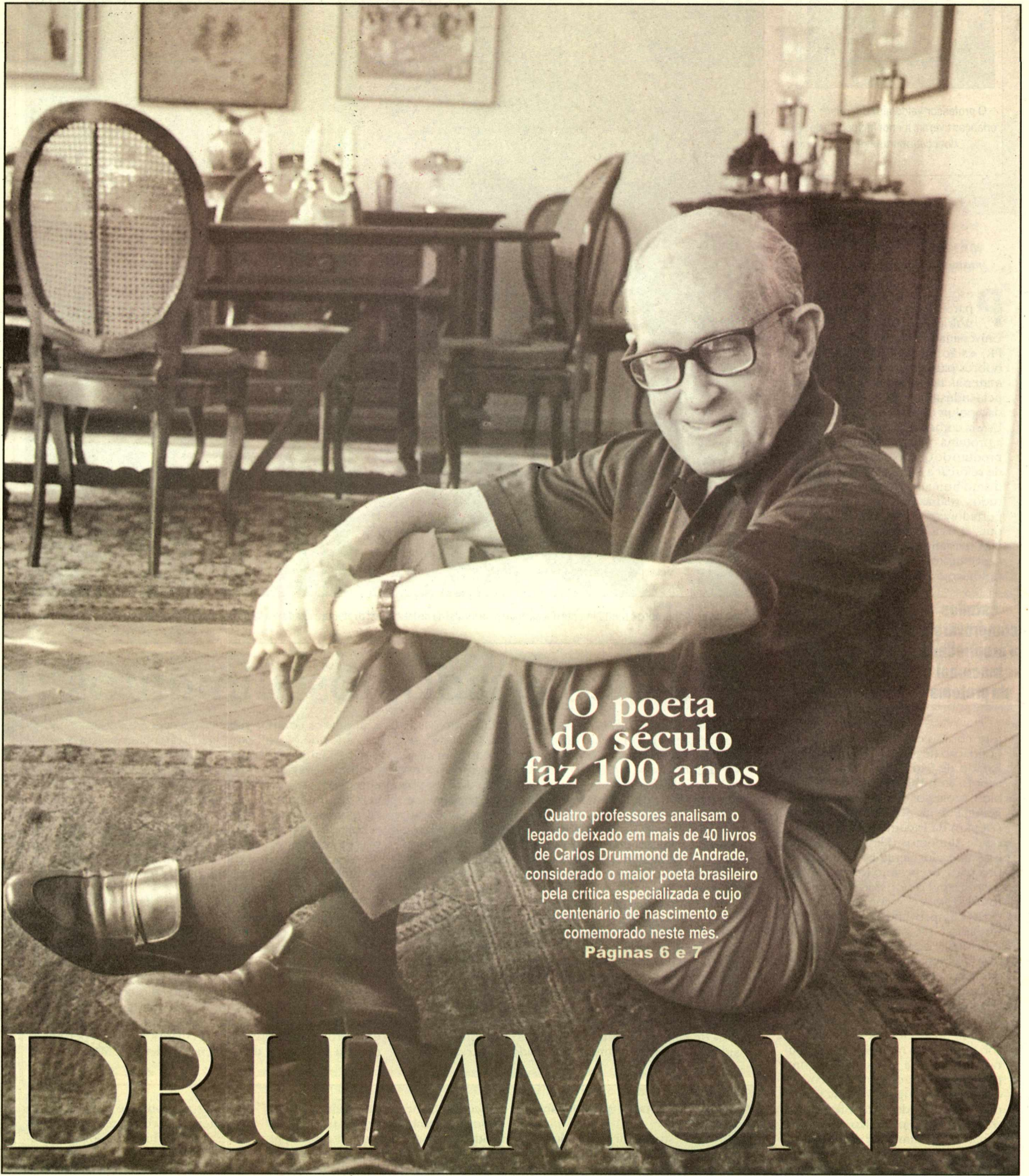


Jornal da Unicamp

Campinas, 14 a 20 de outubro de 2002 – ANO XVII – Nº 194 – DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



O poeta do século faz 100 anos

Quatro professores analisam o legado deixado em mais de 40 livros de Carlos Drummond de Andrade, considerado o maior poeta brasileiro pela crítica especializada e cujo centenário de nascimento é comemorado neste mês.

Páginas 6 e 7

DRUMMOND

Foto: Acervo CDA/Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa

As discussões em torno da implantação da TV digital de alta resolução no Brasil, que levará som e imagem de cinema até a casa do telespectador, estão ingressando na reta final. Um grupo de pesquisadores da FEEC/Unicamp tem oferecido contribuições regulares à reflexão e chamado a atenção para aspectos técnicos fundamentais ao sucesso do empreendimento.



Página 3

Especialistas da Unicamp estão encontrando aplicações nobres para o soro do leite bovino, material descartado pelos laticínios. Usada como suplemento alimentar, a proteína obtida a partir desse subproduto do queijo tem a propriedade de reforçar a defesa natural do organismo contra doenças, inclusive infecções oportunistas em decorrência da Aids.



Página 2



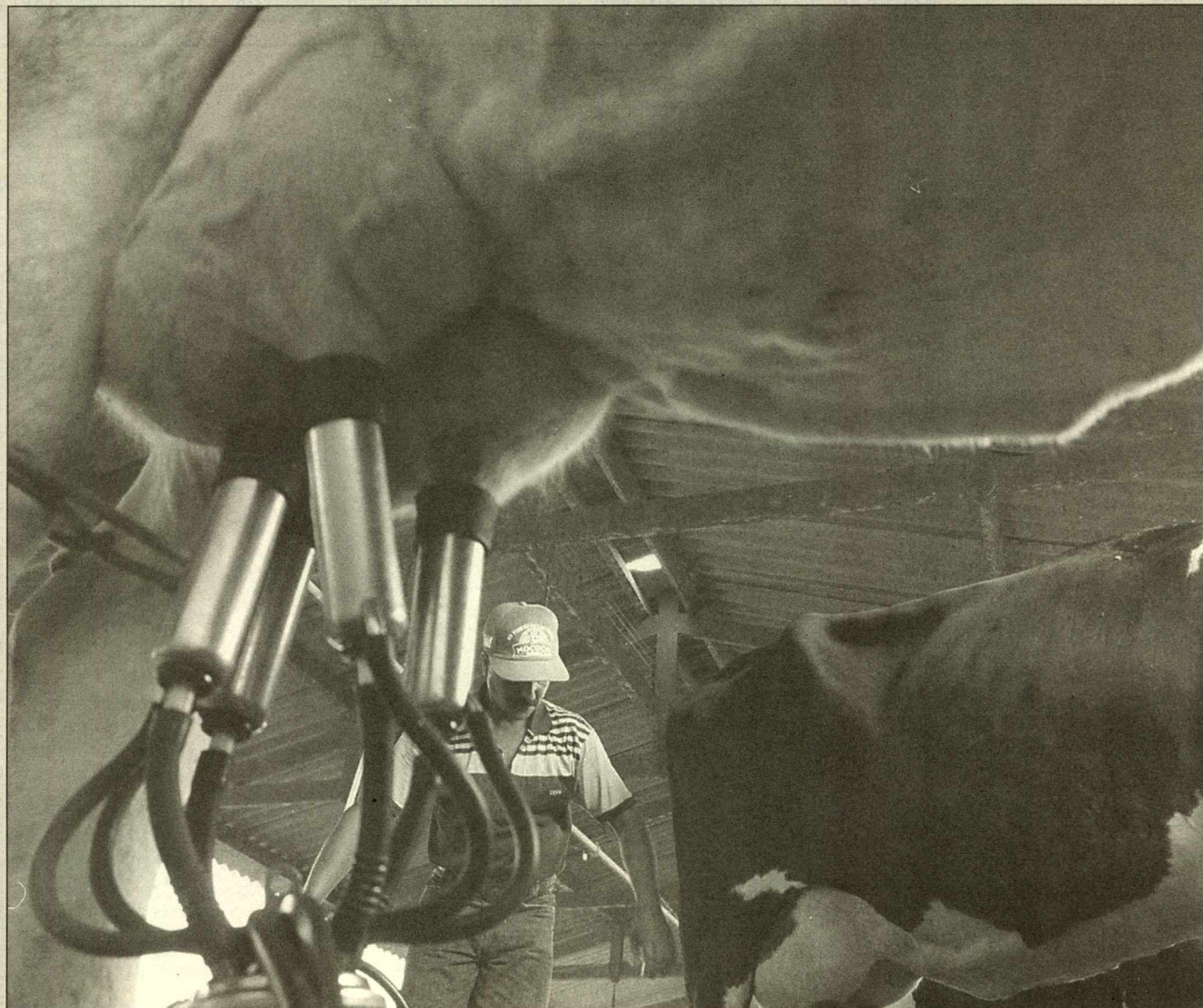
Pesquisadores, professores e estudantes passarão a ter acesso a milhares de documentos pertencentes ao acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. A aquisição faz parte do projeto *Cultura e Diversidade no Brasil: para além da história da identidade nacional*, um dos três grandes programas desenvolvidos pelo Centro de Pesquisa em História Social da Cultura (Cecult/IFCH).

Página 12

Proteína retirada de subproduto do leite reforça defesa do organismo

A nata do soro

Foto: AAN



Depois da ordenha, soro é normalmente descartado pela indústria de laticínios: proteína é usada em larga escala nos países desenvolvidos

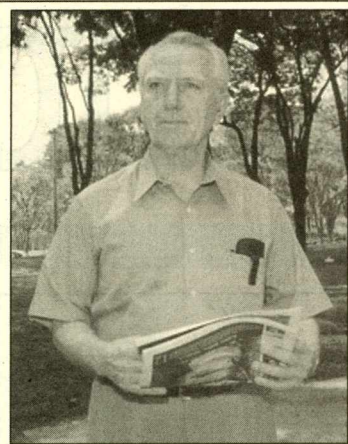


Foto: Neldo Cantanti

O professor Valdemiro Sgarbieri: crianças tiveram menor incidência de doenças oportunistas

MANUEL ALVES FILHO
manuel@reitoria.unicamp.br

Pesquisadores da Unicamp em parceria com o Instituto de Tecnologia de Alimentos (Ital) e a Universidade Federal do Paraná (UFPR) estão encontrando aplicações nobres para o soro do leite bovino, material normalmente descartado pela indústria de laticínios e que ajuda a poluir os mananciais brasileiros. Usada como suplemento alimentar, a proteína obtida a partir desse subproduto do queijo tem a propriedade de reforçar a defesa natural do organismo humano contra doenças. Estudos realizados junto a crianças portadoras do vírus HIV constataram que, após a ingestão da substância, elas tiveram melhora no equilíbrio das células que atuam no sistema imunológico e apresentaram menor incidência de infecções oportunistas.

Estudos comprovaram a propriedade funcional da proteína

As pesquisas desenvolvidas em torno do uso do leite para a extração de componentes com propriedades especiais fazem parte de um projeto temático que conta com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). De acordo com Valdemiro Carlos Sgarbieri, professor do Departamento de Planejamento Alimentar e Nutrição (Depan) da Faculdade de Engenharia de Alimentos (FEA) da Unicamp e pesquisador científico do Ital, onde boa parte do projeto foi executada, o programa reúne perto de dez estudos. Todos eles comprovaram ou estão comprovando a propriedade funcional da proteína. Alimento funcional é aquele que, além de nutrir, também ajuda a proteger o organismo de enfermidades.

No caso da pesquisa feita junto às crianças portadoras do HIV, o procedimento foi rigoroso. Foram selecionados 30 pacientes que estavam sob tratamento médico regular. Durante seis meses, os cientistas acompanharam o padrão alimentar e o estado imunológico de cada indivíduo. Em seguida, foram formados três grupos. O primeiro recebeu o suplemento alimentar durante quatro meses, enquanto o segundo tomou apenas placebo pelo mesmo período. Ao terceiro e último grupo

Pó é colocado nos alimentos

A proteína do soro do leite bovino vem sendo usada em larga escala em países desenvolvidos. No Brasil, segundo o professor da FEA, isso ainda não ocorre em razão da falta de sofisticação dos laticínios. Para produzir o queijo, as fábricas promovem a coagulação do leite por intermédio de um tratamento térmico, que também tem a função de combater as bactérias. Após a coagulação, obtém-se a caseína, base para o preparo de derivados, e o soro. Acontece, porém, que esse aquecimento praticamente elimina a propriedade funcional da proteína do soro, situação agravada pela adição de sal no início do processo.

Nos testes feitos em laboratório e em planta piloto, os especialistas da Unicamp e das demais instituições envolvidas no projeto temático tomaram caminho diferente. Ou seja, a coagulação do leite é feita sem aquecimento. Depois, o soro é concentrado por meio de ultrafiltração. Em seguida, as moléculas de maior peso são separadas das de menor peso por diafiltração. Com isso, obtém-se o permeado, composto basicamente por lactose, e o retentado, formado por 85% de proteína e 15% de lactose, gordura e minerais. Este último é desidratado, gerando um pó que pode ser acrescentado

a alimentos como iogurtes, sorvetes e bebidas.

Conforme o professor Sgarbieri, matéria-prima é o que não falta para transformar o soro, que é um subproduto sem valor, em um suplemento alimentar com alto valor agregado. De cada dez litros de leite, diz, são gerados um quilo de queijo e nove litros de soro, com aproximadamente 1% de proteína. A partir dessa quantidade de soro seria possível extrair cerca de 100 gramas de retentado. Sabendo-se que a produção mundial de soro gira em torno de 100 bilhões de litros anualmente, pode-se ter uma idéia do potencial nutricional e econômico do componente.

“Pelo interesse que as pesquisas têm despertado nessas classes de produtos alimentícios, acredito que em duas décadas nós as estaremos usando em larga escala, o que representará também uma melhoria dos processos industriais”, estima o docente da FEA. Participam do projeto temático, além dos especialistas do Ital e da UFPR, docentes e pós-graduandos das seguintes unidades e órgãos da Unicamp: FEA, Centro Pluridisciplinar de Pesquisas Químicas, Biológicas e Agrícolas (CPQBA) e Centro de Investigação em Pediatria (CIPED), pertencente à Faculdade de Ciências Médias (FCM).

po não foi administrada qualquer substância.

Ao final do estudo, foi verificado que as crianças que ingeriram a proteína extraída do soro do leite bovino apresentaram um quadro nutricional e imuno-

lógico superior ao das demais. “Além disso, elas também tiveram uma menor incidência de doenças oportunistas”, revela o professor Sgarbieri. Ele afirma que outras pesquisas do mesmo projeto temático constataram que o produto também

é eficaz no controle e redução do colesterol, no combate aos tumores intestinais induzidos por carcinógenos específicos e na prevenção de lesões gástricas induzidas por diferentes agentes ulcerogênicos.

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

Reitor Carlos Henrique de Brito Cruz. Vice-reitor José Tadeu Jorge. Pró-reitor de Desenvolvimento Universitário Paulo Eduardo Moreira Rodrigues da Silva. Pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários Rubens Maciel Filho. Pró-reitor de Pesquisa Fernando Ferreira Costa. Pró-reitor de Pós-Graduação Daniel Hogan. Pró-reitor de Graduação José Luiz Boldrini.

Jornal da Unicamp

Elaborado pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Periodicidade semanal. **Correspondência e sugestões** Cidade Universitária “Zeferino Vaz”, CEP 13081-970, Campinas-SP. **Telefones** (0xx19) 3788-5108, 3788-5109, 3788-5111. **Fax** (0xx19) 3788-5133. **Homepage** <http://www.unicamp.br/imprensa>. **E-mail** imprensa@unicamp.br. **Coordenador de imprensa** Clayton Levy. **Editor** Álvaro Kassab. **Redatores** Antonio Roberto Fava, Isabel Gardenal, Luiz Sugimoto, Manuel Alves Filho, Maria Alice da Cruz, Nadir Peinado, Raquel do Carmo Santos, Roberto Costa e Ronei Thezolin. **Fotografia** Antoninho Perri, Neldo Cantanti e Dário Crispim. **Edição de Arte** Oséas de Magalhães. **Diagramação** Dário Mendes Crispim. **Ilustração** Félix. **Arquivo** Antonio Scarpineti. **Serviços Técnicos** Dulcinéia B. de Souza e Edison Lara de Almeida. **Impressão** ArtPrinter Gráficos & Editores (0xx11) 6947-2177. **Publicidade** JCPR Publicidade e Propaganda: (0xx19) 3295-7569.

Docentes da Unicamp têm contribuído nas discussões sobre implantação da TV digital

Alta (in)definição

Fotos: Neldo Cantanti

MANUEL ALVES FILHO
manuel@reitoria.unicamp.br

Imagine a seguinte cena: o fã de Gustavo Kuerten chega em casa, liga o televisor, acomoda-se no sofá e começa a acompanhar uma partida de tenista. No momento em que o brasileiro saca, o telespectador mira a bolinha e enxerga, com absoluta nitidez, a textura da mesma. Mais: o som da transmissão, que tem a mesma qualidade do proporcionado pelo cinema, faz com que ele tenha a sensação de estar assistindo ao jogo da arquibancada. Dentro de poucos anos, a seqüência descrita anteriormente deixará o campo da hipótese e virará rotina para os brasileiros. As discussões em torno da implantação da TV digital no país, que envolvem a definição da tecnologia e do modelo de negócios a serem adotados, estão ingressando na reta final.

O debate, conduzido atualmente pela Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), iniciou-se há quatro anos. Nesse período, técnicos, pesquisadores e representantes de emissoras de televisão vêm analisando os aspectos técnicos, econômicos e sociais da adoção da TV digital no

Brasil. Um grupo formado por três docentes da Unicamp, pertencentes ao Departamento de Comunicações (Decom) da Faculdade de Engenharia Elétrica e de Computação (FEEC), tem oferecido

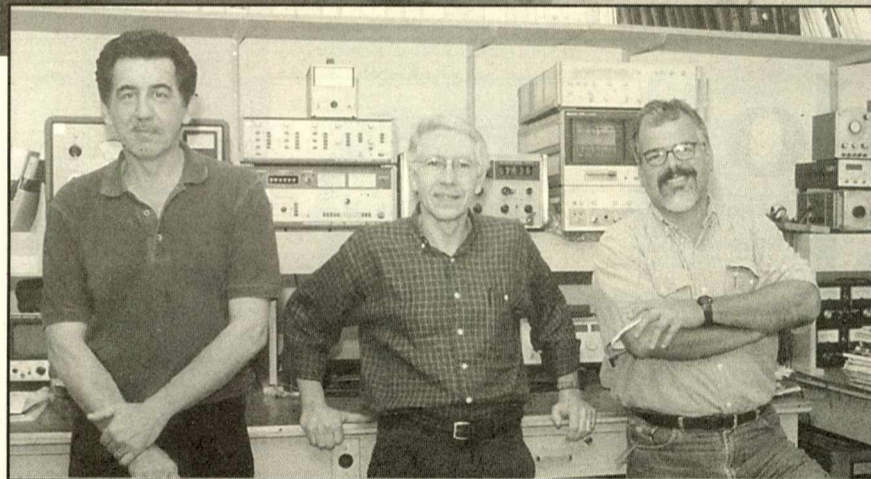
Opção deve ser fundamentada também em critérios técnicos

contribuições regulares à reflexão e chamado a atenção para alguns aspectos fundamentais.

O professor Dalton Soares Arantes resalta que a TV digital não pode ser encarada como uma panacéia, idéia que alguns procuram disseminar. “Chega-se a sugerir que a TV digital poderia servir como alívio para as mazelas sociais, inserir o cidadão no mundo digital, prover serviços de telecomunicações de forma eficiente e barata, atender receptores fixos, móveis e portáteis, além de levar a TV de alta definição a todos os lares sem o auxílio de antenas externas. Infelizmente, tais afirmações carecem de suporte técnico e podem desviar o foco das discussões realmente importantes”, afirma. De acordo com ele, uma premissa básica a ser considerada na escolha do padrão da TV digital é a preferência do telespectador brasileiro. Pesquisa de opinião realizada pela Fundação CPQD em parceria com a Anatel constatou que a maioria das pessoas consultadas considera muito importante uma imagem de alta definição, uma das possibilidades mais relevantes da TV digital.

Max Henrique Costa, chefe do Decom, diz que três padrões de transmissão desenvolvidos no mundo vêm sendo analisados e testados no Brasil desde 1998. São eles: o ATSC (norte-americano), o DVB-T (europeu) e o ISDB-T (japonês). De modo geral, conforme os estudos conduzidos pelo grupo da Unicamp, todos apresentam vantagens e desvantagens entre si. “Na modalidade de alta definição, a TV digital permite a transmissão de quadros de 1920 por 1080 pixels (pontos), da ordem de seis vezes maior que a resolução atual. A escolha do padrão vai depender fortemente do modelo de negócios a ser adotado e de possíveis acordos comerciais mais abrangentes”, diz. Costa resalta, porém, que a opção deve ser fundamentada também em critérios técnicos. Ele lembra que, no passado, o Brasil sofreu grandes prejuízos por adquirir tecnologias supostamente adequadas às necessidades da época, mas que não haviam sido rigorosamente testadas nos países de origem e mostraram-se inadequados no longo prazo.

Arantes acrescenta que um exemplo clássico desse equívoco é o acordo de cooperação nuclear firmado com a Alemanha. A parceria previa a transferência de tecnologia ao Brasil, o que se mostrou inviável na prática. Resultado: o país aplicou mal algumas dezenas de bilhões



O Brasil poderia abrigar uma moderna indústria de monitores de tela plana e projetores de alta resolução

Os professores José Geraldo Chiquito, Dalton Soares Arantes e Max Henrique Costa: debate entra na reta final

de dólares. “O mesmo pode ocorrer em relação à TV digital, se não tomarmos os devidos cuidados”, adverte, salientando que mesmo nas nações que saíram na frente, a introdução da TV digital ainda se encontra no estágio inicial. Com base nas pesquisas que já realizou, o grupo da Unicamp considera ineficiente a transmissão de sinais digitais a receptores móveis em ambientes urbanos por sistemas com-

partilhados com a transmissão de alta definição para receptores fixos. Conforme o professor José Geraldo Chiquito, que completa a equipe da Universidade, existem dificuldades técnicas para que isso ocorra.

Primeiro, a recepção de TV simplesmente não é compatível como o ato de dirigir um automóvel, ao contrário do que acontece com a recepção de rádio AM

ou FM. Além disso, lembra Chiquito, seria necessário fazer concessões enormes de cobertura, potência consumida e taxa efetiva de bits, o que penalizaria o mercado de recepção fixa, notadamente o mais importante. O envio de sinais digitais de vídeo para receptores móveis é muito mais viável, de acordo com ele, com a estrutura de transmissão em pequenas regiões (células), com múltiplas antenas, como nas futuras gerações (3G e 4G) das comunicações celulares. “Deve-se considerar, ainda, que a recepção móvel de TV analógica, que também seria tecnicamente viável, nunca despertou entusiasmo e nem gerou tentativas sérias de implantação”.

Mercado e democracia

Ainda em relação às precauções que o país precisa tomar antes de definir qual padrão de TV digital adotará, o grupo de pesquisadores da Unicamp cita um ponto nevrálgico. Segundo os especialistas, é preciso evitar a adoção de sistemas que não sejam utilizados em outros países no formato brasileiro de canalização, ou seja, com canais de 6 MHz. Do contrário, avisam, isso nos isolaria do restante do mundo e criaria uma reserva de mercado inaceitável, restringindo o mercado exportador e impedindo a queda de preços possibilitada pela concorrência externa. O professor Arantes considera que a TV digital abre ao país possibilidades técnicas e econômicas de longo alcance. O Brasil poderia abrigar, por exemplo, uma moderna indústria de

monitores de tela plana e projetores de alta resolução, além de uma indústria de receptores digitais e componentes eletrônicos. As estimativas dão conta de o mercado de TV digital movimentar algo em torno de US\$ 100 bilhões nos primeiros dez anos de sua implantação no Brasil.

Mas seria verdade que a futura tecnologia só poderá ser desfrutada pela elite? Os professores da Unicamp acreditam que a TV digital de alta resolução se transformará em um produto de consumo de massa. Os docentes lembram que o preço dos receptores nos EUA vem caindo rapidamente. Os modelos que eram vendidos inicialmente a US\$ 7 mil já podem ser comprados por cerca de US\$ 1,5 mil. “Isso já ocorreu com outros produtos que ostentavam conotação de alta tecnologia

no momento em que foram introduzidos no mercado. É o caso da TV em cores, do forno de micro-ondas, do telefone celular e mais recentemente do DVD. Hoje, são aparelhos que já foram ou estão sendo popularizados”, afirmam.

Uma alternativa para quem não puder comprar um aparelho de TV digital imediatamente é a aquisição de um *set-top-box*, equipamento que converte os sinais digitais em analógicos e que hoje custa menos de US\$ 150 nos EUA. A diferença, nesse caso, estará na nitidez da imagem e na perfeição do som. Para o telespectador que estiver acompanhando a partida de Gustavo Kuerten pelo televisor digital de alta resolução, a emoção causada por uma eventual vitória do tenista brasileiro certamente deverá ser muito maior.

Fotos: Neldo Cantanti

Na pista dos testes de DNA



Foram estudados 37 métodos descritos na literatura

O biólogo Welbe Oliveira Bragança: para cada tipo de amostra, um procedimento específico

de um “bom DNA” e obtenha boa análise desse mesmo DNA para os objetivos a que se destina. “Isso vai ajudar a solucionar muitos crimes, antes de difícil conclusão. Outra constatação a que chegamos é que com os mesmos procedimentos de extração das moléculas de DNA, para fins de elucidação criminal, pode-se fazer teste com propósito de resolver conflitos de paternidade,” diz Welbe.

para cada tipo de amostra há um procedimento específico a ser seguido, para que se consiga a extração

O método mais seguro

No caso de paternidade, o biólogo explica que o método mais indicado, em sua opinião, é o denominado RFLP (Restriction Fragment Length Polymorfism) por ser mais seguro contra contaminação do DNA e ter maior precisão nos resultados. No entanto, quando se trabalha com amostras criminais, o teste que se mostrou mais eficiente foi o PCR, pois observou-se ser muito mais sensível em amostras pequenas ou destruídas e, de certa forma, comprometidas, como são a maioria das amostras criminais.

tação de mestrado Investigação de paternidade e identificação humana, uma proposta metodológica, apresentada recentemente Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp.

“Até o surgimento do DNA, era impossível determinar com precisão se um indivíduo era filho biológico de um determinado casal”, observa. No entanto, o avanço da ciência solucionou esse tipo de dúvida. O exame de DNA tornou-se um critério importante para a definição da paternidade ou a elucidação de crimes, tendo como única prova um minúsculo fragmento de unha, de osso, de dente, amostras de esperma, saliva ou manchas de sangue. Um dos principais objetivos do procedimento é reduzir o tempo de realização dos ensaios, assim como a redução de custos.

“O que propomos foi apresentar uma forma padronizada de extrair DNA de amostras específicas de provas criminais ou de amostras biológicas para testes de paternidade”, conclui o pesquisador e biólogo Welbe Bragança, autor da disser-

ANTONIO R. FAVA
fava@reitoria.unicamp.br

Quando o biólogo Welbe Oliveira Bragança, há pouco mais de dois anos, iniciou pesquisa sobre o DNA, tinha em mente avaliar e aperfeiçoar métodos já existentes e desenvolver novos processos de extração dessas moléculas para a realização de análises em casos criminais e de investigação de paternidade. Ao fim de suas investigações científicas, Welbe apresentou dois métodos para efetivar o estudo dos DNAs, depois de obter as amostras: o PCR e o RFLP.

suas vantagens e desvantagens, é evidente. O que avaliamos foi, para cada tipo de amostra (saliva, pele, fios de cabelo, dentes entre outros materiais) qual dos dois métodos é o melhor e mais eficiente para se fazer o estudo para a solução de crimes e disputas de paternidade”, diz o biólogo.

Depois de pesquisar detidamente 37 métodos descritos na literatura, a conclusão dos estudos de Welbe apresentou um elenco de 28 métodos para a obtenção de DNA, alguns selecionados dos originais e modificados e outros desenvolvidos em laboratórios e, portanto, i-

néditos. Os diferentes tipos de material biológico que o pesquisador apresentou para obtenção do DNA foram sangue e resíduos de sangue, saliva, ossos, unha, pele, cabelo, dentes, manchas em papel, amostras em escovas de dente, em barbeadores e sêmen, por exemplo.

“Se acontecer um crime e a polícia científica recorrer aos métodos que estamos propondo nos laboratórios de análises em DNA, certamente conseguirá tirar o DNA com mais facilidade de materiais que antes havia dificuldade de se conseguir”, avalia Welbe. Ele explica que

Além do trivial simples

MARIA A. CRUZ
balice@unicamp.br

Aluna de doutorado da Faculdade de Engenharia de Alimentos da Unicamp (FEA) Késia Diego Quintaes foi a primeira pesquisadora brasileira a comprovar cientificamente a migração do ferro contido na esteatito, rocha da qual se produzem as panelas de pedra-sabão, para o alimento. A análise química foi realizada no Instituto de Tecnologia de Alimentos (Ital) para apresentação de dissertação de mestrado na FEA. Hoje, depois da comprovação, ela desenvolve projeto de dou-

torado para saber que implicações nutricionais podem ter as panelas de ferro, inox e pedra-sabão. “O caminho é investigar a migração desses elementos. Se há liberação para o alimento e se há utilização pelo organismo.”

Os elementos liberados pelos utensílios podem ser tanto benéficos quanto prejudiciais à saúde. “A panela não-curada pode liberar níquel em quantidade tóxica à saúde humana”, adverte. A constatação foi feita depois de realizar a cura de seis das 12 panelas novas utilizadas na pesquisa. As outras seis, usadas *in natura*, liberaram níquel em quantidade tóxica. “Se curada, não faz mal algum”, informa.

A cura, segundo Késia, consiste em untar panelas novas, interna e externamente,



Projeto avalia implicações nutricionais que podem ter as panelas



A pesquisadora Késia Diego Quintaes: “Panela não-curada pode liberar níquel”

Prevenção da anemia é um dos objetivos do estudo

com óleo vegetal e, em seguida, completar com água na temperatura ambiente e depois submetê-las à temperatura de 200 °C no forno. Depois disso, as panelas devem ser resfriadas naturalmente.

Com relação à absorção pelo organismo do ferro derivado dos utensílios de pedra-sabão e de ferro, os testes estão sendo realizados com grupos suscetíveis a anemia, como mulheres em idade fértil e vegetarianos. Sob aprovação do Comitê de Ética da FCM/Unicamp, a pesquisa conta com a participação e oito freiras, com idade média de 34 anos, e 60 estudantes vege-

tarianos de 13 a 23 anos, todos em Minas Gerais. Após serem submetidos a coleta de sangue, os participantes receberam os

utensílios para cozinhar seus alimentos. Depois de cerca de três meses de uso, os usuários passarão por nova coleta para avaliar as alterações nos indicadores hematológicos analisados (hemograma, ferro sérico, ferritina e transferrina).

Késia acredita que a troca da panela de alumínio pela de ferro na preparação diária dos alimentos pode suprir 20% do requerimento diário de ferro para o organismo. “Apesar de conterem o equivalente a 78% de fer-

ro, as panelas de inox liberam uma quantidade de ferro insignificante para o organismo”, afirma. Segundo a pesquisadora, é raro o número de pessoas que possuem alteração no metabolismo do ferro, para as quais seria contra-indicado o uso destes utensílios.

A pesquisa de Késia tem um propósito ainda maior: fazer com que a informação sobre a migração do ferro na panela de pedra-sabão deixe de ser simplesmente uma crença da população mineira e seja uma contribuição para a prevenção da anemia para a população.

Demerval Saviani propõe duplicação do percentual do PIB investido em educação

Domínios, dominadores e dominados



Fotos: Denio Crispim

Quem é Demerval Saviani

Formação

- Bacharel e Licenciado em Filosofia, pela PUC-SP, 1966
- Doutor em Filosofia da Educação, pela PUC-SP, 1971
- Livre-Docente em História da Educação, pela Unicamp, 1986

Carreira científica e docente

- Conclusão do Doutorado em filosofia da Educação na PUC-SP em 1971.
- Professor Titular da Universidade Federal de São Carlos-UFSCar, em 1975.
- Professor Titular da PUC-SP em 1979.
- Concurso de Livre-Docência em História da Educação na Unicamp em 1986.
- Concurso de Professor Adjunto na Unicamp em 1990.
- Concurso de Professor Titular na Unicamp em 1993.
- Pesquisador Senior I-A do CNPq.

Livros

- Educação Brasileira: estrutura e sistema. São Paulo, Saraiva, 1973. (8a. Ed. Campinas, Autores Associados, 2000).
- Educação: do senso comum à consciência filosófica. São Paulo, Autores Associados/Cortez, 1980. (13a. Ed. Campinas, Autores Associados, 2000).
- Escola e Democracia. São Paulo, Autores Associados/Cortez, 1983 (34a. Ed. Campinas, A. Associados, 2001). Obs.: traduzido para o espanhol: Escuela y Democracia. Montevideo, Monte Sexto, 1988.
- Ensino Público e algumas falas sobre Universidade. São Paulo, A. Associados/Cortez, 1984. (5a. Ed., 1991).
- Política e Educação no Brasil. São Paulo, A. Associados/Cortez, 1987 (4a. Ed., Campinas, Autores Associados, 1999).
- Sobre a Concepção de Politécnica. Rio de Janeiro, Fiocruz, 1989.
- Pedagogia Histórico-Crítica. São Paulo, A. Associados/Cortez, 1991. (7a. Ed., Campinas, A. Associados, 2000).
- Educación: Temas de actualidad. Buenos Aires, Libros del Quirquincho, 1991 (em Português: Educação e Questões da Atualidade. São Paulo, Cortez/Livros do Tatu, 1992).
- A Nova Lei da Educação: trajetória, limites e perspectivas. Campinas, Autores Associados, 1997 (7a. Ed., 2001).
- Da nova LDB ao novo Plano Nacional de Educação: por uma outra Política Educacional. Campinas, Autores Associados, 1998 (3a. Ed., 2000).
- Para uma história da educação latino-americana (Org.). Campinas, Autores Associados, 1996.
- Formação de Professores: a experiência internacional sob o olhar brasileiro (Org.). Campinas/São Paulo, Autores Associados/NUPES, 1998 (2a. Ed., 2000).
- História e História da Educação: o debate teórico-metodológico atual (Org.). Campinas, Autores Associados/HISTEDBR, 1998 (2a. Ed., 2000).
- História da Educação: Perspectivas para um intercâmbio internacional (Org.). Campinas, Autores Associados/HISTEDBR, 1999.

No último Cole (Congresso de Leitura), realizado na Unicamp, foi consensual a opinião de que a escola está há muito deixando de lado o seu papel de educar e de formar o cidadão. O senhor concorda?

O que eu tenho constatado e também tem sido um dos vetores das lutas que travamos desde a segunda metade da década de 70, é uma certa tendência a deslocar aquilo que me parece ser o papel principal da escola. Entendo que ela tem a ver com o saber sistematizado, com a cultura letrada, com o saber científico. Não com o senso comum, o saber espontâneo, o saber da experiência, ou aquilo que é chamado de cultura popular. Por quê? O que se pode constatar é que, para desenvolver a cultura popular, não se precisa da escola. Agora, na medida em que se desenvolveu uma tendência que desvalorizava ou secundarizava a cultura erudita e valorizava a cultura popular e, por conta disso, passou-se a taxar a escola como alienante, como instrumento de dominação por estar ligada à norma culta, comecei a me perguntar: em que grau isso é realmente transformador? Em que grau isto não vai fazer o jogo da dominação existente? A escola seria uma forma do homem do povo ter acesso ao saber elaborado, sem o que esse tipo de saber fica privilégio das elites.

Houve reação a esta posição?

Passai a me bater contra a tendência a diferenciar as escolas: a das massas e a das elites, esta última qualitativamente mais desenvolvida. Isso me colocou num certo momento num embate com os seguidores do Paulo Freire, que viam nas minhas formulações uma contraposição a esse educador, embora minha crítica não se dirigisse propriamente a Paulo Freire, mas a essa visão de escola que secundarizava a importância do saber elaborado.

Como o senhor reagiu?

Essa visão de escola sempre me intrigou, porque era como se você nas escolas tivesse fazer discurso político. Como esse discurso vai se sustentar se não existe conteúdo das várias áreas que os alunos viriam a dominar? Então esse discurso acaba deixando os trabalhadores sempre na dependência dos intelectuais. Isso me chocava. Os defensores da escola centrada no saber elaborado eram acusados como tendo uma visão vanguardista. A crítica era na seguinte direção: o povo é que deve estar na direção do movimento e os intelectuais têm que se deixar dirigir pelas próprias massas. É aí que reside o problema: como as massas podem exercer a função de dirigentes se elas não estão instrumentalizadas? A democracia deve ser buscada, mas ela não está no ponto de partida e sim no ponto de chegada.

O senhor poderia explicar?

Quando vou, por exemplo, me relacionar com os analfabetos, é uma fábria acreditar-se que posso ter uma relação democrática com a criança ou aluno. Não há democracia aí porque ele está numa posição em que depende do meu auxílio para adquirir determinados instrumentos. O processo pedagógico é que deve elevá-lo. No ponto de chegada, sim. Uma vez alfabetizado, ele se torna capaz não apenas de se expressar oralmente, como também por escrito. E o que funda a relação pedagógica é exatamente essa diferença. Aí sim a diferença é removida e a igualdade se estabelece. Aí pode ser travada uma relação democrática. É claro que essas coisas têm níveis diferentes de análises. Foi essa discussão que se travou nas décadas de 1970 e 1980.

E na década de 1990?

Ao longo da década de 1990, esses problemas tenderam a se deslocar para um plano secundário, ou até mesmo foram superados. Aí surgiu esse fenômeno que está sendo constatado agora, ou seja, os próprios agentes governamentais assumindo essa visão de que a escola deve ter mais uma função assistencial do que propriamente de formação intelectual, de preparo cultural.

O senhor poderia exemplificar?

A função assistencial não é específica da escola. Se você

sem dominar aquilo que os dominantes dominam, os dominados não chegam a se libertar da dominação. O aforismo do professor Dermeval Saviani era uma crítica endereçada a teóricos e educadores que pregavam, nas décadas de 1970 e 1980, uma escola voltada às chamadas experiências populares em detrimento do saber sistematizado. Reconhecido como um dos maiores especialistas em educação no país, com contribuições tidas como fundamentais na confecção da LDB e da Constituição, Saviani avalia que o eixo da discussão mudou a partir da década de 1990, quando o ensino ficou a reboque, no seu entender, do assistencialismo, da maquiagem estatística e da onda de privatizações. Saviani, que recebe no dia 15 de outubro (terça-feira) o título de professor emérito da Unicamp, explica na entrevista que segue por que propôs a duplicação imediata – de 4% para 8% – do percentual do PIB investido em educação.

considera que é preciso políticas sociais nesse campo porque as famílias não estão mais dando conta de sobreviver; trata-se de política compensatória que você pode fazer via secretarias de assistência social.

O senhor acha que existe essa confusão hoje no Brasil?

Não só acho que há uma confusão, como acho que as políticas educacionais governamentais no nível do MEC têm estimulado esse viés assistencialista. Acho que há aí um componente econômico-financeiro associado ao ponto de vista ideológico. Do ponto de vista econômico-financeiro, como se trata de ajustar o país à hegemonia do capitalismo financeiro, que envolve fazer ajustes e garantir o serviço da dívida, os recursos têm que ser canalizados para essas prioridades. E como é que você atende às necessidades sociais? Você apela para a comunidade, para o voluntariado... Há um componente ideológico também no seguinte sentido: entende-se que a integração da população se daria por esses mecanismos, mais ou menos informais, porque numa sociedade que atingiu alto nível de desenvolvimento tecnológico, transfere-se para as máquinas boa parte dos processos de trabalho, de produção, de comunicação. E o gerenciamento dessas máquinas, assim como a direção do processo social, depende de um conjunto relativamente restrito de técnicos, de intelectuais... A população de um modo geral não precisa ter acesso aos conhecimentos sistemáticos e nem é conveniente que tenha porque isso é custoso e não seria necessário.

O senhor acredita que essa política é deliberada?

Sim. Um outro componente dessa visão ideológica é que os conhecimentos que a população precisa dominar são mais os do dia a dia. O importante não é estar empregado, mas ser empregável. Ser empregável significa ter flexibilidade e capacidade de adaptação. E você se adapta na medida em que você convive, se relaciona. Então os conhecimentos sistemáticos tendem a ser secundarizados. A questão que se põe, que precisa ser pensada, é se isto tenderia a alterar substantivamente o caráter da escola. Se isto é um indicador de que a sociedade está mudando e que, com a mudança da sociedade, a natureza da escola também está mudando.

O que pode ser feito?

Termos que resistir a essa tendência dominante. Mas essa resistência vinha se manifestando a meu ver de forma passiva e individual. Então eu postulei a resistência implicando duas características: 1) que ela seja organizada e coletiva e 2) que ela seja propositiva. Não adianta resistir na base do não concordo. O governo baixa um decreto e eu manifesto minha discordância. Isso não se impõe. Quando muito, pelo que tenho observado, se a grita é mais ou menos geral, o governo faz recuo tático. Para dar eficácia a esse movimento de resistência, propus a estratégia que chamei de *resistência ativa*. É um pouco nessa linha que o Coned – Congresso Nacional de Educação – se organizou para discutir o Plano Nacional de Educação, contrapondo uma proposta àquela do governo. De minha parte fiz algo parecido: formulei as linhas básicas do Plano Nacional de Educação, ao mesmo tempo em que confrontei a proposta do MEC com a posição que surgiu no Coned, com a qual a minha proposta tem várias afinidades e objetivos comuns, mas tem alguns aspectos diferenciados, seja do ponto de vista das diretrizes e de algumas medidas...

Quais seriam?

Do ponto do financiamento, por exemplo. O Coned divulgou a passagem para 10% do PIB investido na educação. Mas aquilo era uma referência arredondada, que ia de 6,9% até 9,1% ao longo dos 10 anos. Ao divulgar 10% já provocou reações negativas. Fiz uma proposta diferente: propus a duplicação imediata do percentual do PIB investido em educação. Se hoje é de 4%, passaria para 8%.

Fundamentado em quê?

Peguei os dados que o próprio MEC tinha de outros países que mostravam que com isso o Brasil apenas se nivelava aos países que mais investiam em educação: casos dos EUA, Canadá, Noruega e Suécia que investem respectivamente 7,5%; 7,6%; 8,7% e 8,8% do PIB em educação. Mas com uma diferença: esses países já tinham o sistema consolidado, além das diferenças de PIB per capita. No Brasil, nem se implantou ainda um sistema nacional de ensino. Isto significa, portanto, que o Brasil teria que fazer um esforço ainda maior investindo, por um certo período, maciçamente em educação de modo a viabilizar a implantação do sistema para depois, com os recursos orçamentários definidos na Constituição, manter e desen-

volver o sistema. No entanto, em vez disso, o que está acontecendo no Brasil? O MEC se vangloria de que universalizou o acesso ao ensino fundamental. Diz que 96% das crianças estão na escola...

O senhor discorda dessa política?

Isso não é universalizar o ensino fundamental. Universalizar significa não apenas garantir o acesso, mas também a conclusão. Só acontece isso quando todos não só ingressaram, mas também concluíram. Quando o MEC concluiu que o acesso tinha sido universalizado, decidiu que precisava universalizar a conclusão. Mas como fazer isso sem precisar investir muito? Aí vêm esses mecanismos todos de promoção automática, maquiagem estatística, os ciclos... A questão passa a ser segurar as crianças nas escolas para ostentar índices estatísticos que preencham os critérios do Banco Mundial para se obter financiamentos.

Quando essa diretriz foi adotada?

Começou com o Collor, com os Ciacs e depois teve continuidade ao longo da década de 1990, quando essa política tendeu a ser incorporada ao sistema abrangendo a rede geral do ensino fundamental. Mas veja: fiz referência a essas questões por conta da minha proposta de duplicar imediatamente o percentual do PIB investido em educação. Mas ao fazer essa proposta passei ao seu detalhamento. Qual é o impacto disso? A lei que criou o Fundef determina que os Estados e municípios constituam um fundo composto por 60% dos recursos destinados à educação, ou seja, daqueles 25%, 15% vão para o fundo para custear o ensino fundamental. Isso significa que os municípios só ficam com 10% para custear a educação infantil que a LDB diz que é prioridade municipal. E os Estados só ficam com 10% para atender ao ensino médio. Então eu digo: se eu duplico, o ensino fundamental vai ter o equivalente a 30%, não 15%, portanto mais do que o total, que hoje seria de 25%. Os municípios, por sua vez, vão ter 20% e não 10% para a educação infantil. Os Estados vão ter 20% e não 10% para o ensino médio. Ora, com isso você já pode começar a pensar em ter uma rede consistente de ensino fundamental, pode ter uma rede consistente de educação infantil mantida pelas prefeituras com a coordenação e o apoio técnico do Estado, e já pode começar a pensar na universalização do ensino médio.

Os professores são contemplados nessa proposta?

O raciocínio a ser aplicado é o mesmo. Pela lei do Fundef, 60% dos recursos destinam-se à remuneração e qualificação dos professores. Com a duplicação proposta, chega-se a 120% dos recursos atuais. Já se pode, então, pensar em instituir a jornada de tempo integral. É o grande gargalo. E o governo ainda cobra que os professores participem da gestão da escola, do projeto pedagógico, de apoio à comunidade... Mas que escolas e comunidades são essas, se os professores têm de dar aulas em três, quatro estabelecimentos?

E no nível superior?

Aí está aquele drama, porque o MEC argumenta que quase todos os recursos – 75% – são para manter as 52 universidades federais. E ele tem que manter também as escolas técnicas. Mas se você duplica os recursos, você pode manter as federais e a rede técnica. E com a outra metade o que você faz? Eu propus que fosse dividida em duas partes: com 50%, na primeira parte, o MEC cumpriria o seu papel de apoio aos Estados e municípios mais necessitados na forma de apoio técnico-financeiro aos sistemas municipais e estaduais, previsto em lei. E com a outra metade, se constituiria um fundo a partir do qual se financiariam projetos que envolveriam fortemente as universidades federais no cumprimento das metas do Plano Nacional de Educação.

Qual tem sido o comportamento do Estado?

Creio que o grande problema do ensino superior hoje é a tentativa do Estado de deixar de assumi-lo como uma das prioridades do campo educacional. O próprio MEC reconhece o atraso do país, já que não chega a 12% o contingente dos jovens de 18 a 25 anos com acesso ao ensino superior. Isso nos coloca numa das últimas posições do ranking. E aí o MEC propõe como meta, dentro de 10 anos, de chegar ao nível da Argentina. Isso significa triplicar o número de vagas, tanto públicas quanto privadas. Como conseguir isso? Não está previsto o acréscimo de nenhum recurso. Ele pretende, como primeira medida, racionalizar os recursos existentes. Segunda possibilidade: estabelecer parcerias com entidades comunitárias. Outra: instituir cursos de curta duração; instituir curso pós-médio. O gargalo está aí: a não-disposição de dimensionar as necessidades que o país tem no ensino superior e verificar os recursos previstos e de que fontes poderão provir os recursos adicionais para tratar com seriedade o assunto, que é um problema de ordem pública.

Essa política teve reflexos na educação?

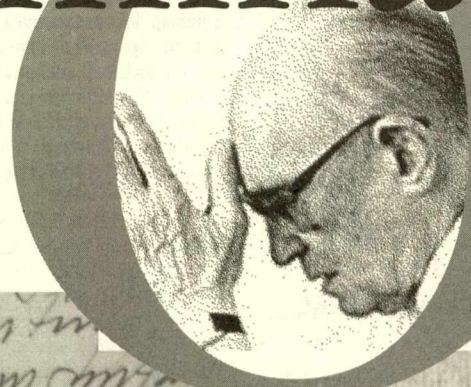
Na medida em que a educação passa a ser tratada segundo os mecanismos de mercado, ela passa a ser assumida como uma mercadoria. O governo assume essa política no Decreto 2.306, de 19 de agosto de 1997, em que admite explicitamente que as instituições de ensino superior podem ser organizadas na forma de empresas privadas com fins lucrativos. Nesse caso, elas estarão sob jurisdição do direito comercial. Nesse sentido, pode mudar inclusive o próprio caráter dos cursos. Até meados do século 20, o ensino superior era destinado a formar profissionais para as atividades que requeriam formação científica. Agora, o critério é apenas o da mercadoria vendável. O ensino superior já não tem mais aquela característica da formação de intelectuais de alto nível, de profissionais cujas atividades requerem uma base científica para atuar nos chamados ramos tecnológicos ou naquelas áreas de humanidades que envolvem uma alta elaboração cultural, como é o caso da língua e da literatura, da filosofia e das ciências sociais. Se for analisar os catálogos de cursos que são abertos por aí, você vê uma diversidade enorme em que os critérios já passam por outros âmbitos. Não se sustenta mais o caráter teórico, científico, epistemológico e cultural. São critérios de mercado.



O professor Dermeval Saviani, da Faculdade de Educação da Unicamp: "O grande problema do ensino superior é que o Estado deixou de assumi-lo como prioridade"

Especialistas falam da obra do maior poeta brasileiro, cujo centenário de nascimento é comemorado

A dialética iluminada DRUMMOND



*“No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra”.*

ANTONIO ROBERTO FAVA
fava@reitoria.unicamp.br

Quando o poeta Carlos Drummond de Andrade publicou esse poema em 1928, “insignificante em si”, diria mais tarde, talvez não imaginasse que fosse causar tanto escândalo e que seria motivo de tantas divergências. Uma brincadeira (ou não?) que renderia ao poeta censuras e elogios. Agora, 74 anos depois, quando se comemora o centenário de nascimento do poeta (31 de outubro), a polêmica parece esquecida – e o poema agora é visto sob um outro ângulo.

Poeta, contista e cronista, Drummond é considerado um dos maiores poetas da língua portuguesa e da literatura latino-americana. É respeitado por críticos nacionais e estrangeiros como um dos grandes poetas universais. Funcionário público, homem de natureza reservada, avesso principalmente às entrevistas, só mesmo no fim da vida o mineiro de Itabira, Minas Gerais, se liberou para as manifestações pessoais. Cada vez mais frequentes, elas foram uma voz lúcida e iluminada. Ao longo de sua vida, produziu mais 40 livros, muitos deles traduzidos para países como França, Inglaterra, Itália, Alemanha, Suécia, Argentina, Chile, Peru, Cuba, Estados Unidos, Portugal, Espanha e Tchecoslováquia.

Para Alcides Villaça, professor de Literatura Brasileira da USP e professor-visitante da Unicamp, especialista em Drummond, a importância do poeta para a poesia brasileira “está na altura a que ele elevou um discurso poético carregado, ao mesmo tempo, de reflexão inteligente e fortíssima sensibilidade, de tal modo que o leitor é envolvido por uma onda rítmica, onde belas imagens e iluminações do pensamento se dialetizam o tempo todo”.

“O leitor é envolvido por uma onda rítmica”

Nos poemas da década de 50, sobretudo em *Claro Enigma* (1930), é forte a presença de Paul Valéry, de cujos versos Drummond se valeu na epígrafe do livro. “Mas é bom ressaltar que, acima de qualquer influência sofrida, a poesia de Drummond é personalíssima, individualíssima, tanto nos temas que freqüenta (entre eles, as raízes mineiras e provincianas, a oposição entre o arcaico e o moderno) como nas várias soluções de estilo que adotou ao longo dos seus mais de 60 anos de poesia”, conta Villaça. Acompanhar as chamadas “fases” da poesia de Drummond, segundo observações do professor, significa ir reconhecendo uma sucessão muito variada de formas, que foram respondendo às suas também variadas perspectivas do mundo e necessidades de expressão.

O “modernismo” de Drummond, no sentido estrito que o liga ao Movimento de 22, está, sobretudo, no primeiro livro que o poeta publicou: *Alguma poesia* (1930), justamente no humor piadístico e num acentuado desejo de expressar o instante, o cotidiano, a “nota social” – além de cultivar uma linguagem desconcertante e fragmentária, como no *Poema de sete faces*, por exemplo. “Mas a pedra de toque foi mesmo o *No meio do caminho*, que gerou tantas controvérsias e tantos comentários que, décadas mais tarde, o poeta publicou um livro – *No meio do caminho – História de um poema*, onde reúne todas as reações, glosas, paródias, censuras ou elogios que o poema provocou. O escândalo associava-se à forma do poema, repetitiva e circular, que irritava os ouvidos acostumados às harmonizações da poesia convencional, bem como aos enigmas da expressão ‘pedra no caminho’, que todo mundo queria porque queria ‘decifrar’”, explica o professor Villaça. Talvez até fosse resultado de uma brincadeira do poeta.

O “modernismo” de Drummond, no sentido estrito que o liga ao Movimento de 22, está, sobretudo, no primeiro livro que o poeta publicou: *Alguma poesia* (1930), justamente no humor piadístico e num acentuado desejo de expressar o instante, o cotidiano, a “nota social” – além de cultivar uma linguagem desconcertante e fragmentária, como no *Poema de sete faces*, por exemplo. “Mas a pedra de toque foi mesmo o *No meio do caminho*, que gerou tantas controvérsias e tantos comentários que, décadas mais tarde, o poeta publicou um livro – *No meio do caminho – História de um poema*, onde reúne todas as reações, glosas, paródias, censuras ou elogios que o poema provocou. O escândalo associava-se à forma do poema, repetitiva e circular, que irritava os ouvidos acostumados às harmonizações da poesia convencional, bem como aos enigmas da expressão ‘pedra no caminho’, que todo mundo queria porque queria ‘decifrar’”, explica o professor Villaça. Talvez até fosse resultado de uma brincadeira do poeta.

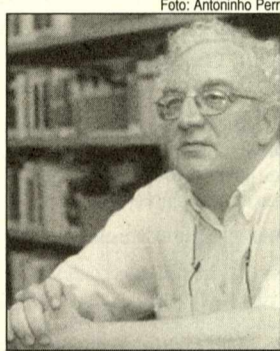


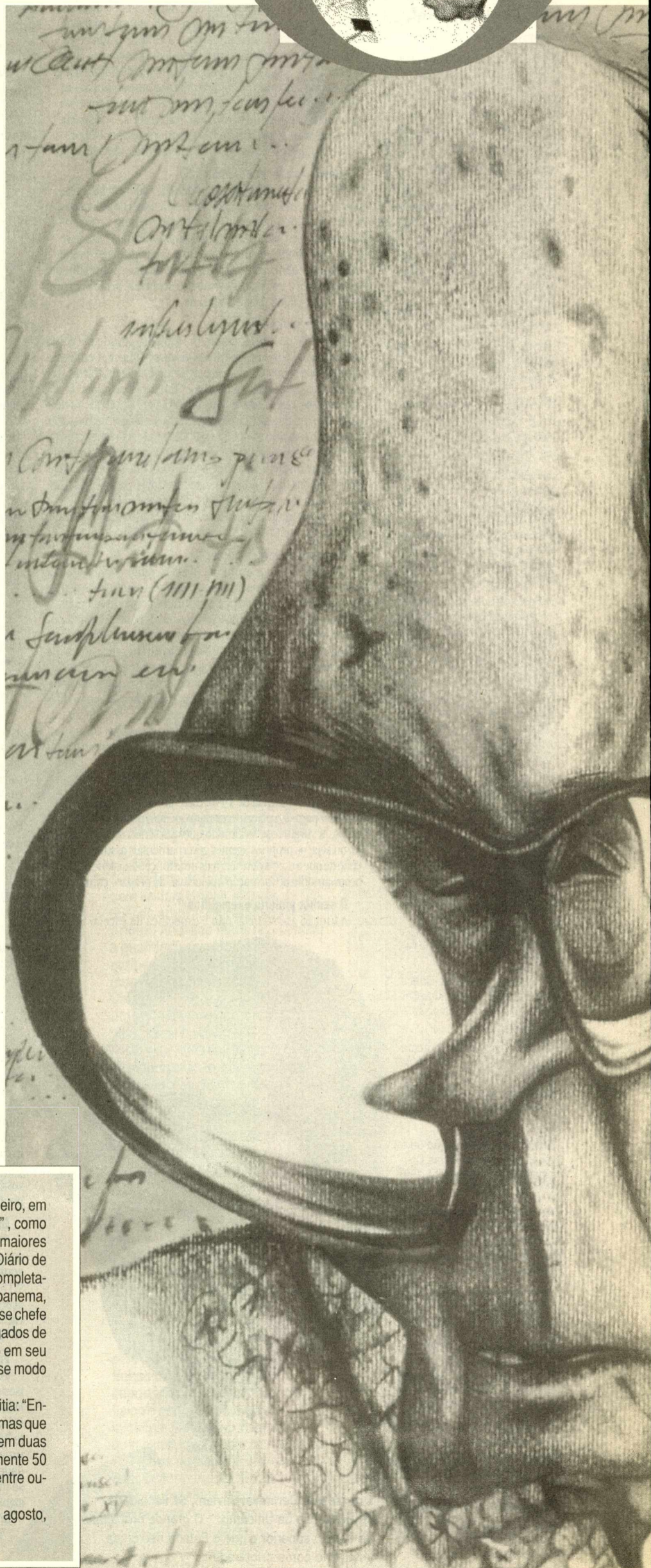
Foto: Antoninho Perri
O professor Alcides Villaça: ironia é uma constante na poesia de Drummond

Sozinho, entre mangueiras

Carlos Drummond de Andrade nasceu em Itabira, Minas Gerais, em 1902, e morreu no Rio de Janeiro, em 1987, aos 85 anos. Passa boa parte da infância na fazenda da família, “sozinho, entre mangueiras”, como diria, mais tarde, em seu poema *Infância*, publicado em *Alguma Poesia*. É tido como um dos mais maiores poetas que o Brasil já teve, comparado aos maiores poetas estrangeiros. Drummond foi redator do *Diário de Minas*. Mais tarde foi responsável pela abertura no jornal de textos modernistas. Depois de haver completado o curso de Farmácia, atividade profissional que não exerceu, foi convidado pelo amigo Augusto Capanema, então Ministro da Educação, para chefiar o referido gabinete, em 1930. Mais tarde, Drummond tornou-se chefe do Serviço do Em 1930 lança *Alguma Poesia* e, em 1934, *Brejo das Almas*, ambos com textos carregados de fina ironia. Foi uma fase que, enquanto ironizava os costumes e a sociedade, asperamente satírico em seu amargor e desencanto, entrega-se com empenho e requinte construtivo à comunicação estética desse modo de ser do poeta de Itabira.

Em *Confissões de Minas* (1944), obra de *Ensaios e Crônicas*, Carlos Drummond de Andrade admitia: “Entro para a antologia, não sem registrar que sou o autor confesso de certo poema, insignificante em si, mas que a partir de 1928 vem escandalizando meu tempo, e serve até hoje para dividir no Brasil as pessoas em duas categorias mentais”. Referia-se ao poema *No Meio do Caminho*. Drummond publicou aproximadamente 50 livros. Teve ainda obras publicadas em espanhol, inglês, francês, italiano, alemão, sueco, tcheco, entre outras línguas.

Em 1987, doze dias depois da morte de sua única filha Maria Julieta, Drummond morria a 17 de agosto, deixando obras inéditas como *O Averso das Coisas*, *O Amor Natural* e *Moça Deitada Na Grama*.

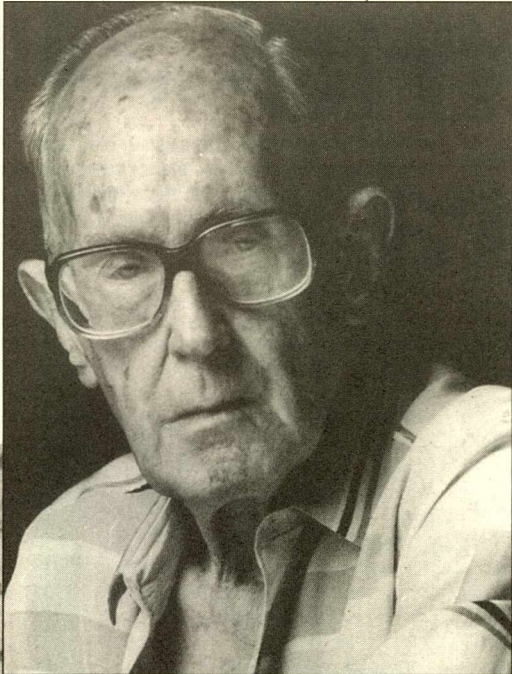


memorado neste mês

de
ND

Ilustração: Félix

Foto: Acervo CDA/Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa



Horizontes e limites no mundo prosaico

No entanto, como se vê, a ironia é uma constante na poesia de Drummond, que nasce, segundo Villaça, “do contraste entre um forte idealismo, que está sempre no horizonte dos afetos e da consciência do poeta, e uma forte experiência dos limites que há em cada indivíduo e no mundo prosaico em que vivemos”. Sua ironia nasce a cada vez que o poeta se defronta com a impossibilidade de realizar as altas aspirações humanas que estão nele, como em quase todos nós: amar e/ou conhecer o outro de modo absoluto, conhecermo-nos a nós mesmos de modo absoluto. “Talvez o existencialismo sartreano tenha deixado no poeta a convicção de que de fato ‘o inferno são os outros’, ao mesmo tempo em que o sentimento de responsabilidade pessoal para com o mundo faça de cada um de nós o responsável pela liberdade de todos”, acredita Villaça.

Carlos Drummond de Andrade, que escreveu *José, Resíduo e A morte do leiteiro* era um homem reservado, cioso da sua intimidade, em geral avesso a entrevistas e contatos pessoais. Muitos de seus amigos como Mário de Andrade, primeiro, e Ziraldo, depois, sentiram seu grande interesse em conversar por telefone ou por cartas, muito maior do que em papear “cara a cara”. Drummond preferia passar uma hora ao telefone a se encontrar com alguém em sua casa. “No entanto, aos sábados, reunia-se sempre com seus amigos – escritores e intelectuais – na casa de Plínio Doyle, eventos que acabaram sendo chamados de os ‘sabadoyles’. Nessas reuniões, até ata faziam. Só não conversavam sobre política, para não azedarem a conversa”, diz o professor.

Villaça recorda-se que Pedro Nava, no seu livro de memórias *Beira-mar*, fala muito das “travessuras” do grupo de jovens intelectuais da Belo Horizonte dos anos 20, entre os quais estava um Drummond de óculos e bigodinho, de aspecto grave, respeitado por todos, mas capaz de gestos tresloucados, como escalar um alto arco de pontilhão e desafiar o guarda-noturno, que lhe dera voz de prisão, a ir buscá-lo lá em cima. O grupo costumava freqüentar a zona de meretrício de Belo Horizonte, de onde os rapazes saíam melancólicos e cheios de fossa existencial... Os prazeres sexuais facilmente atendidos provocaram no poeta grandes remorsos, uma sensação de “nojo de si mesmo”, sentimento que se expressa em boa parte dos poemas do livro *Brejo das almas* e não deixa de ecoar num poema como a *Mão suja*.

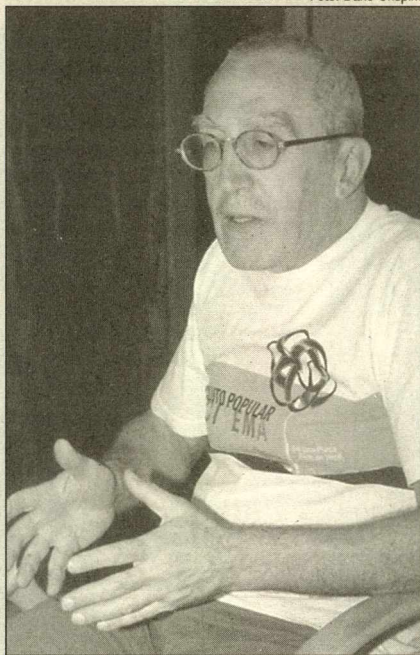
O especialista que veio da Bulgária

A convite da Unicamp, o professor Rumen Stoyanov, da Universidade de Sófia, na Bulgária, proferiu uma conferência no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL). Stoyanov é um dos mais importantes tradutores de escritores brasileiros. E Carlos Drummond de Andrade, com o qual manteve um relacionamento de mais de 13 anos, é um deles. E não é de se estranhar que o poeta brasileiro seja um dos escritores mais conhecidos na Bulgária.

Professor de Literatura e Cultura do Brasil na Universidade de Sófia, Stoyanov acaba de escrever, em português, o livro *Drummond e a Bulgária*, ainda inédito. Trata-se, segundo diz, de uma obra na qual traz minucioso trabalho de pesquisa sobre o que Carlos Drummond de Andrade escreveu em versos e prosa sobre a Bulgária. Além de conter farto material sobre o que a crítica do seu país escreveu sobre o poeta mineiro, aborda também uma série de correspondências, ensaios e citações a respeito do poeta brasileiro.

Stoyanov diz que Drummond era um poeta bastante admirado na Bulgária e que seu povo tem grande admiração e simpatia pela literatura brasileira, em especial a poesia do poeta de Itabora. Stoyanov conta que o poeta teve 13 livros traduzidos para o búlgaro por especialistas em Drummond. Um deles é o próprio Stoyanov. Para ele, Drummond, “é, sem dúvida, o mais importante poeta da nossa época. Tanto é que, passados mais de 15 anos de sua morte, ainda é reverenciado no meu país, desfrutando de alto prestígio não apenas entre os intelectuais, mas também entre o povo. Eu diria que, devido à força de concisão do poeta brasileiro, Drummond é tão ou até mais importante que Pablo Neruda”.

Foto: Dário Crispim



Rúmen Stoyanov, da Universidade de Sófia: “Drummond é reverenciado na Bulgária”



O professor Paulo Franchetti: recuperação das formas tradicionais da literatura

Um legado de rigor e experimentação

Para o professor Paulo Franchetti, do Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp (IEL), e atual diretor da Editora da Unicamp, Drummond representa o momento de consolidação da poética modernista no Brasil. Por isso mesmo, é uma das maiores vozes líricas da poesia brasileira do século 20. “Acredito que o lugar de Drummond para as gerações atuais, para a literatura que se pratica hoje no Brasil, é assegurado, não pelos primeiros livros modernistas que publicou, como *Alguma Poesia* (1930) e *Brejo das Almas* (1934), que têm um interesse mais propriamente histórico hoje, mas mais pela alta dicção do poeta a partir de *José*”, observa o professor. Mas assinala que a grande obra de Drummond é aquela que compôs entre *José e Lição de Coisas*, este na década de 60. Franchetti acredita que a partir do livro *Claro enigma* (1952), Drummond tenha deixado um legado de extrema importância para a poesia contemporânea de rigor, de experimentação, de sobriedade e de recuperação das formas tradicionais da literatura.

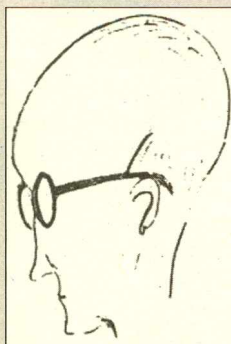
Os poemas de Drummond que Franchetti mais aprecia são *Máquinas do mundo*, *Rapto* e outras obras que pertencem a essa fase. Muito mais do que os poemas-piadas de começo da carreira, que tiveram, evidentemente, a sua importância, algumas obras até polêmicas como *No Meio do Caminho*, que à época tinham um efeito demolidor e era lido mais como um ato de intervenção. “Era um tipo de poesia mais conceitual, que naquele momento tinha uma inserção dentro de uma polêmica pela afirmação de novos critérios estéticos. Creio que esse lado vem alcançando um interesse histórico cada vez maior e que o Drummond de hoje, presente na linguagem de nossos poetas, é o poeta das décadas de 40 e 50. Mesmo o Drummond político de *Sentimento do Mundo* (1940) e *A Rosa do Povo* (1945), embora seja um grande poeta, não me parece que nesse momento está tão presente na poesia que se faz hoje no Brasil”, avalia.

Para o professor da Unicamp, Drummond é um poeta de expressão internacional. “É um dos poetas brasileiros que foram mais traduzidos. Acredito que ele tem uma inserção internacional ao lado de João Cabral de Mello Neto. No entanto, é difícil fazer comparações. Não resta dúvida que é um poeta lido em várias línguas e que representa, em qualquer língua, um momento elevado da lírica do século 20”.

O profano e a concepção fragmentária

Poeta abundante, multifacetado, Drummond segue estudado sob ângulos também variados. A professora Suzy Sperber, do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp, encontra em sua poesia até mesmo “o espaço do sagrado” – tema de um ensaio recente.

“A apreensão do real e das dimensões do espírito humano aproximam Carlos Drummond de Andrade da mais profunda compreensão do sagrado”, escreve Suzy. “Há diferentes poemas cujo tópico trata da urbe, da produção da poesia, da natureza, ou do corpo. Ao usar o recurso da enumeração caótica, ou, tematicamente, quando ele fala sobre as urbes cindidas, sobre o cotidiano esfacelado, Drummond aborda um tema caro para a modernidade: o mundo fragmentado. A concepção frag-



Autocaricatura do poeta

mentária do mundo se deve a uma concepção profana, que se define pelos instantes, pelas obrigações de trabalho, sociais”, assinala a professora.

Ela explica que “o imediatismo das ações e eventos dificulta a compreensão do todo, do evento inserido no mundo, passando a ter um estatuto ontológico disperso, diferente. Desvaloriza a vida em sociedade, a solidariedade, levando o ser humano para uma solidão última, no limite sartreano. Nos poemas de Drummond também se percebe a angústia do eu lírico diante uma tendência para o novo a todo custo, para o apagamento das raízes, de tradições, de valores, de ética, caracterizadores das atuais misé-

rias humanas”.

Estudos avaliam prejuízos da demora da detecção da endometriose

O endométrio não espera

ISABEL GARDENAL
bel@unicamp.br

A endometriose é uma doença que se manifesta em 20 a 30% das mulheres quando tecidos do endométrio se implantam em locais fora do útero, causando lesões dolorosas em vários órgãos (intestinos, bexiga e ovários, entre outros) e infertilidade em alguns casos. Infelizmente, o tempo médio para se chegar ao seu diagnóstico não é nada animador: tem demorado até sete anos, conforme pesquisa de mestrado feita na Faculdade de Medicina da Unicamp. E pacientes cujos sintomas iniciaram antes dos 19 anos levaram 12 anos para descobrir que tinham a patologia; em mulheres com idade entre 20 e 29 anos – quatro anos, e com mais de 30 – três anos.

“A idade, portanto, foi um fator significativo, alertando-nos que suspeitamos pouco de endometriose em pacientes jovens”, conclui o ginecologista Maurício de Souza Arruda, na dissertação de mestrado “Avaliação do tempo decorrido entre o início dos sintomas e o diagnóstico de endometriose”.

O médico investigou, orientado pelo ginecologista Carlos Alberto Petta, uma amostra de 200 pacientes do Ambulatório de Endometriose do Centro de Atenção Integral à Saúde da Mulher (Caism).

De acordo com o que foi apurado, inúmeros sintomas são atribuídos à endometriose, sendo os mais significativos cólica menstrual, dor nas relações sexuais, dor pélvica não associada à menstruação e infertilidade.

Diagnóstico – Não há sinais patognomônicos que identifiquem a endometriose e nem achado no exame físico, apesar de haver sinais sugestivos como, por exemplo, pouca mobilização do útero ao toque, dor à palpação dos anexos, espessamento do ligamento uterossacro e nódulos no fundo da vagina.

Muitas pacientes atendidas nos ambulatórios de infertilidade têm endometriose (30 a 50%). Neste caso, têm seu diagnóstico num intervalo menor – quatro anos. Isso provavelmente porque a laparoscopia integra o protocolo da investigação de infertilidade.

Maurício arrisca algumas hipóteses para essas conseqüências: as mulheres demoram para procurar ajuda; é moroso o encaminhamento da atenção terciária para os centros especializados; sintomas de endometriose podem se confundir com outros que apenas exigem tratamento clínico; e o médico, em geral, subestima a queixa de dor.

O único exame que diagnostica endometriose, segundo Maurício, é a visualização direta das lesões na pelve, o que equivale a dizer que este diagnóstico requer procedimento cirúrgico, sendo a videolaparoscopia o mais indicado.

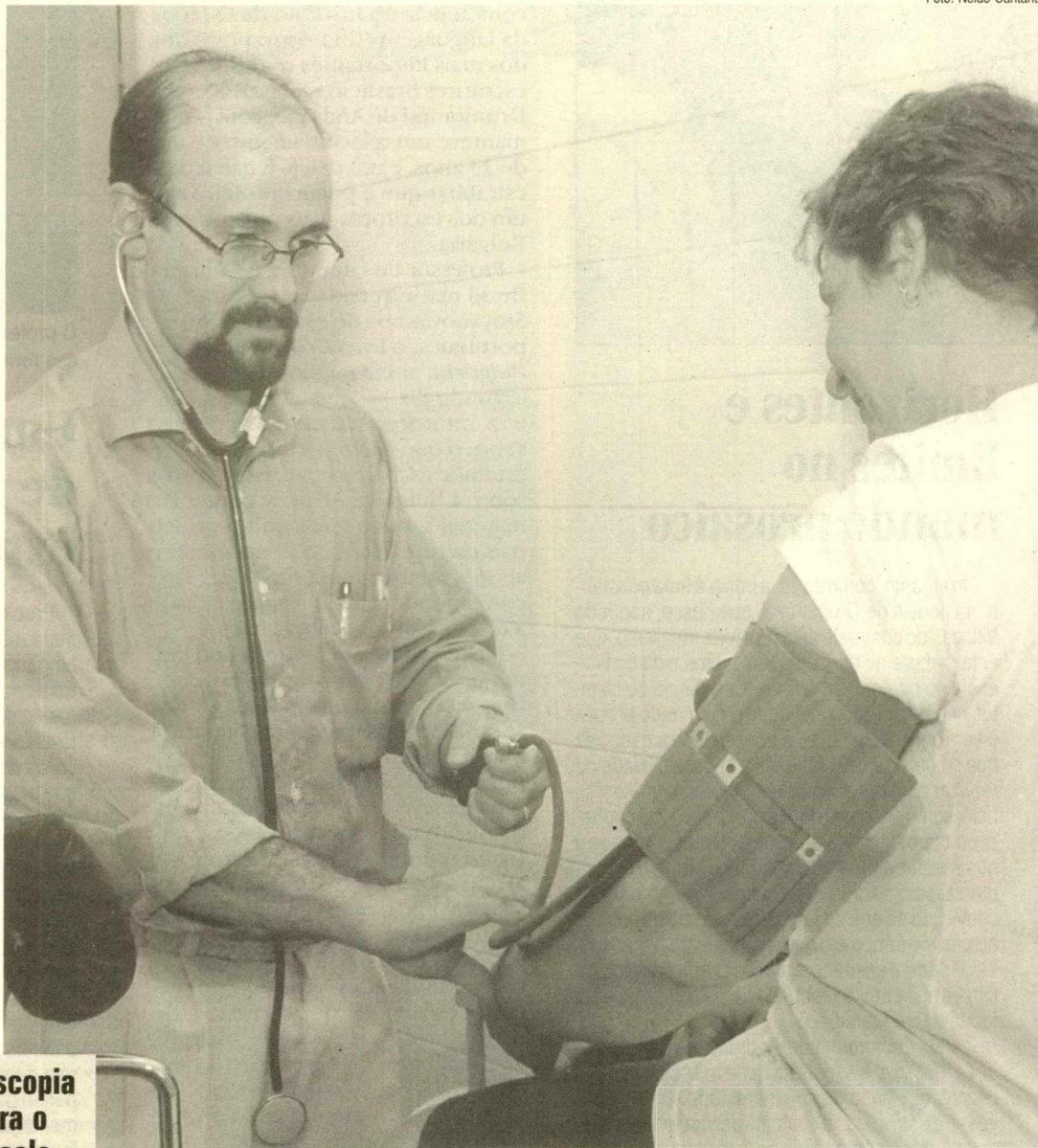


Foto: Neildo Cantanti

O ginecologista Maurício de Souza Arruda: tempo médio de diagnóstico é de sete anos

Foto: Diário Crispim

Laparoscopia integra o protocolo da investigação de infertilidade



A fisioterapeuta Andréa Andrade Marques: dor teve papel relevante na pesquisa

Qualidade de vida fica comprometida

Outro estudo, intitulado “Qualidade de vida de mulheres com endometriose através do SF-36”, de autoria da fisioterapeuta Andréa Andrade Marques, avaliou a qualidade de vida de 60 mulheres com endometriose (com e sem dor) atendidas no Caism. A conclusão foi pesada: tinham péssima qualidade de vida, física e emocional.

Como a ideia era traçar um perfil dessa população e descrever a vida e as dificuldades das mulheres estudadas, foi utilizado o SF-36, um questionário reduzido do Medical Outcome Study (MOS). As 36 questões relacionavam-se ao estado geral das mulheres. Para Andréa, a dor teve um papel relevante na pesquisa, embora as de intensidade forte e leve não mostrassem diferenças significativas entre si, exceto pelo baixo escore em todas. “Quem praticava atividade física apresentava melhores condições”, salienta Andréa.

A pesquisa, que foi orientada pelo ginecologista Luis Bahamondes, comprovou a importância de dar um suporte físico e psicológico a elas – iniciativa tomada no Caism há quase dois anos, com a criação do Programa de Apoio a Pacientes com Endometriose. “Em um dos nossos trabalhos, pacientes que tinham qualidade de vida ruim antes da nossa intervenção agora alcançaram grandes progressos”, conta Andréa.

UNICAMP
na IMPRENSA

■ Exame

7 de outubro - O engenheiro eletrônico Carlos Henrique de Brito Cruz, reitor da Unicamp, é um dos mais aplicados estudiosos de inovação no país. Começou a se dedicar ao assunto em 1994, quando comandou a pró-reitoria de pesquisa da Unicamp. Antes de se tornar reitor, foi presidente da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). Na entrevista à Exame, ele destrincha a questão da inovação e diz que as empresas nacionais ainda precisam amadurecer a cultura da inovação. Cruz fala sobre a relação entre empresas e universidades, o papel de cada uma na criação de patentes, sobre políticas públicas e mostra os erros cometidos pelo país nessa área. A entrevista completa está em http://www.unicamp.br/unicamp/canal_aberto/clipping/outubro2002/clipping021008_exame.html

■ Estadão.com.br

4 de outubro - Pela primeira vez no mundo ou na História, a velha urna da democracia política da representação universal, usinada pelos franceses no século 18, passa a desfilar no Brasil, neste próximo domingo, um crachá digno de foguete espacial: CEV/TSE. No modelo CEV/TSE do Brasil, a inviolabilidade do sistema agora ampliado para a captura de até 115 milhões de votos em nove horas (com apuração total em apenas sete horas) foi testada e aperfeiçoada pelos laboratórios datacom da Unicamp, igualmente por encomenda do TSE.

3 de outubro - Descobrir quais são, onde estão e o que fazem as entidades do terceiro setor (organizações não-governamentais) do Brasil é o objetivo do Guia do Terceiro Setor, que será criado pela Fundação Mario Covas e pelo Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade), em conjunto com a Unicamp, por meio de seu Núcleo de Estudos da População (Nepe). O convênio foi assinado nesta quarta-feira.

■ Correio Popular

4 de outubro - O caso da Rádio Muda dos estudantes da Unicamp, deve ser resolvido com bom senso. Não se pode simplesmente chegar e fechar uma rádio dentro de uma universidade depois de estar funcionando há 12 anos. Mesmo sendo pirata. Por outro lado, há que se considera que o sinal de uma rádio pirata, por não ser controlado, pode prejudicar comunicações, inclusive de aviões, colocando vidas em risco. Vai daí, uma conversa entre as partes e uma regularização dentro da lei seriam os caminhos naturais. E todos poderiam sair ganhando: o governo por cumprir a lei e afastar riscos e a rádio, que poderia sair da “clandestinidade”, ter maior potência, buscar patrocínio e ultrapassar as fronteiras do campus alcançando, com certeza, maior audiência. (Coluna Xequê-Mate)

■ Valor

3 de outubro - A boa fase da agropecuária, traduzida em aumentos de colheitas de grãos, exportações e do emprego formal, não se traduz numa maior capacidade de arrecadação para os municípios. Esta é uma conclusão de Gustavo Zimmermann, do Departamento de Economia da Unicamp.

■ Folha de São Paulo

3 de outubro - A Unicamp registrou neste ano queda nas inscrições para o seu vestibular. De acordo com a Comvest (Comissão Permanente para o Vestibular), houve 46.593 inscrições para o vestibular de 2003, contra o recorde de 47.265 candidatos no ano passado. Segundo Leandro Tessler, coordenador-executivo da Comvest, a Unicamp não tinha queda nas inscrições havia cinco anos. O número de inscritos também ficou abaixo do esperado - 50 mil candidatos. A primeira fase do vestibular será realizada no dia 24 de novembro.

■ O Globo

3 de outubro - O candidato do PSDB à Presidência, José Serra, aproveitou o último comício de campanha, ontem à noite em Campinas, no interior de São Paulo, para lembrar sua trajetória, que começou como filho-de-operário no bairro da Moóca, na capital, até chegar a professor universitário na Unicamp.

Procura por cursos de pós-graduação na área estimula formação de novos programas

Foto: Dário Crispim



João Carlos Sales, presidente da Anpof: crescimento da pós é significativo

A professora Fátima Évora: tática vitoriosa de multiplicação

Mora na Filosofia

WANDA JORGE
wandajor@unicamp.br

Não se sabe quem veio primeiro: se o aumento dos cursos de pós-graduação gerou o aparecimento de mais pesquisadores em Filosofia; ou se a procura por aperfeiçoamento acarretou a criação de novos programas. Enfim, o que se tem hoje é a proliferação de cursos de pós-graduação em Filosofia, 24 deles credenciados pela Capes e vinculados à Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (Anpof), entidade fundada em março de 1983 e que hoje busca criar parâmetros e acompanhar a qualidade dessa expansão de programas de pesquisa por várias regiões brasileiras.

Na reunião da entidade na primeira semana de outubro, perto de 800 trabalhos foram apresentados nas duas sedes onde o congresso se instalou na capital paulista, o que conferiu alta densidade ao debate filosófico: diariamente, em cada uma das 17 salas reservadas pela Anpof, de 11 a 12 pesquisadores (entre professores e pós-graduandos) apresentavam e debatiam trabalhos, simultaneamente, rotina que se repetiu nos quatro dias do encontro. Reviveu-se o pensamento de Kant, Nietzsche, Wittgenstein, passando por pensadores do século XVII como Descartes, Hume e Espinoza e buscando as origens filosóficas em Platão e Aristóteles ou na filosofia da ciência e da natureza. Um leque tão variado

como esse, permeado pela Ética, evidenciou a existência hoje de uma pesquisa brasileira madura, páreo com o que é feito no exterior.

É o que comemora a chefe do Departamento de Filosofia da Unicamp, Fátima Regina Évora, por cinco vezes na organização dos seminários da Anpof e sua ex-presidente. Em sua opinião, a expansão do número de pesquisadores e cursos de pós não se deve a um modismo nem investimentos na área. "Trata-se de uma tática vitoriosa de multiplicação de novos profissionais, estimulados a criarem núcleos de pesquisa em seu local de origem acadêmica".

O evento foi considerado uma vitória, apesar de ter recebido poucas verbas oficiais. No final, os 24 coordenadores dos cursos de pós-graduação da Anpof dividiram o tempo da discussão para eleger a nova diretoria com o rateio de recursos, para fazer frente às contas do congresso. Nada, porém, que tirasse do entusiasmo do novo presidente da entidade, João Carlos Sales, doutor pela Unicamp e coordenador do mestrado em Filosofia da Universidade Federal da Bahia. Para Sales, é significativo o crescimento da pós-graduação na área e o desafio da Anpof é manter a excelência já alcançada por quatro programas – Unicamp, USP, UFRS e UFMG.

O trabalho que pretende levar nos próximos dois anos de gestão inclui, ainda, conscientizar

as agências de fomento de que o tempo de maturação da filosofia séria é diferente das formas de avaliação dispostas por organismos como a Capes. "A Filosofia tem medidas de avaliação diferenciada; em nossa área, por exemplo, é muito mais importante a produção de um livro do que de *papers*", destaca o professor baiano, lembrando um dos itens de pontuação dos programas de pós-graduação da agência.

Ao mesmo tempo, ele destaca que a atuação da Capes, no sentido de maior exigência da titulação dos professores, foi positiva e impulsionou a criação de novos programas. "Grande parte dos doutorados nos programas de excelência volta para sua universidade de origem e organiza seu núcleo de pesquisa". Sales é, ele mesmo, um exemplo dessa dinâmica: está à frente de um curso novo de pós na Federal da Bahia, que terá este ano sua segunda seleção e desenvolve três linhas de pesquisa na área de Filosofia Contemporânea.

"Quando o pesquisador retorna ao seu Estado, tem novas perspectivas de trabalho e estimula o desenvolvimento de novos cursos". Fátima acrescenta que durante sua gestão na Anpof conseguiu instalar as ferramentas adequadas para a criação de um banco de dados de teses defendidas e áreas de pesquisa, a ser alimentado pelas 24 programas de pós reconhecidas pela entidade. "Será um facilitador da vida do aluno de pós, além de permitir um radiografia do que é produzido em Filosofia no Brasil", garante a professora da Unicamp.

Bolsas – "O filósofo é um pensador com perfil muito diferenciado e cujo tempo de maturação de seu trabalho varia". Por conta dessa realidade, Fátima analisa que a política de distribuição de bolsas, por parte de agências públicas como Capes, CNPq ou Fapesp, não tem favorecido o pesquisador da área. "Compreendo que cada agência tenha limitação de verbas e queira estabelecer limite de tempo para concessão de bolsas de estudo, que no caso do mestrado é de dois anos. Só é injusto que o departamento seja penalizado quando não se encaixa nesses prazos, não recebendo novas bolsas enquanto o trabalho anterior não seja concluído". A pesquisadora raciocina que essa política acaba provocando distorções, já que o programa de pós em Filosofia da Unicamp, por exemplo, que tem excelência reconhecida pela Capes com nota 6, acaba recebendo menor quantidade de bolsas do que outros programas mais "ágeis" na finalização de trabalho mas com notas inferiores.

"As agências podem estabelecer os prazos que julgue adequados à sua estratégia financeira; só não devem interferir nos programas impondo penalidades, como redução de bolsas". Nessa última reunião da Anpof, alguns debates dedicaram-se exclusivamente a estudar e buscar alternativas à política de pós-graduação e pesquisas na área, acrescenta.

Crescimento inteligente na Unicamp

Embora no Brasil existam dinâmicas diferentes de expansão, o salto extraordinário que a Filosofia registrou na década de 90 deve-se à estratégia de primeiro formar um quadro de alto nível de pesquisadores, aptos a fomentar, em seguida, novos núcleos de pesquisas por todo o país. A avaliação do professor Marcos Nobre, coordenador do programa de pós em Filosofia da Unicamp, é que esta dinâmica deu certo, há intenso intercâmbio com a pesquisa internacional, e provou ter fecundidade em outras áreas do conhecimento, numa reflexão geral e também particular do Brasil.

"A Unicamp faz parte do movimento mais amplo de consolidação da área de Filosofia", diz Nobre. Ele assinala que além de abrigar um dos programas líderes da pós, foi no campus de Campinas que, em 1975 – dois anos antes do início da pós-graduação na área – o professor Oswaldo Porchat veio da USP para criar o Centro de Lógica e Epistemologia (CLE). "Pela primeira vez houve um fórum nacional que, inspirado pelo CLE, estabeleceu um patamar de alto nível e rigor con-



O professor Marcos Nobre: intercâmbio com a pesquisa internacional

novas referências internacionais, que incluem Inglaterra, Itália e Estados Unidos, lembra Nobre.

Desde sua criação e sob inspiração deste espírito do CLE, o programa da Unicamp tem a peculiaridade da relação interdisciplinar na base do trabalho filosófico. Abriga estudos que compõem com outras áreas do conhecimento, como Física, Matemática, Ciências Humanas ou Psicanálise, entre outras.

Na pós-graduação na Unicamp são aceitos estudantes de outras áreas de estudo, mas existe uma "aclimatação". Segundo Nobre, os egressos de outras áreas são encaminhados para um ano de cursos de adaptação em Filosofia. Existem doze linhas de pesquisa, estabelecidas por épocas, que procuram estabelecer fundamentos com outras ciências. "É o modelo do CLE que se mantém como inspiração para o programa de pós", conclui.

ceitual, estabelecendo padrões internacionais para a Filosofia no Brasil".

Na história do desenvolvimento do estudo filosófico no país, enquanto o Sul sempre teve relação mais estreita com a Alemanha, em São Paulo o vínculo era com a França e as universidades do Rio acrescentavam, além dos pensadores franceses, também diálogos com a Bélgica. A partir do CLE, esse leque se abre para

Alunos filosofam

Valéria Loturco da Silva, formada em Jornalismo, é doutoranda na USP do filósofo Bento Brado Júnior, atualmente professor da UFSCar. O tema de estudo é o Empirismo transcendental na filosofia de Gilles Deleuze. Eduardo Nasser trocou o curso de cinema da escola de Comunicação e Artes (ECA) para o de filosofia da



Valéria Loturco da Silva: colegas falam a mesma linguagem

Unicamp, onde faz iniciação científica com Peter Paul Perbert sobre Nietzsche.

Na origem dessa opção pelo estudo da filosofia, uma troca talvez pouco recomendada por uma visão mercadológica da sociedade, está a busca de uma reflexão mais aprofundada da realidade, uma busca do auto-conhecimento e uma necessidade de maior aprofundamento cultural. "Saí do jor-

nalismo pois enxergava nessa atividade uma forma superficial de tratar os assuntos, e queria mais. A filosofia é um curso denso que oferece poder de reflexão e busca o que há de mais valioso no ser humano". Para Valéria, a faculdade funciona como um lar, pois lá as pessoas falam sua linguagem. "O aluno de filosofia precisa ter vocação para leitura", recomenda.

Eduardo também se sente em casa nas aulas de filosofia. Sua motivação para trocar o disputado curso de cinema da USP foi a inquietação que sentia diante das formas de linguagem impostas aos processos de criação. "No cinema, eu que buscava formas mais puras de criação, percebi muita contaminação da linguagem dominante do mercado". Proveniente de um meio familiar hostil à filosofia, ele acha que se encontrou estudando o filósofo do niilismo.



Eduardo Nasser: encontro com Nietzsche

Criador do logotipo da Unicamp visita o campus

Foto: Neldo Cantanti

A Unicamp recebeu no dia 2 de outubro a visita do artista plástico, designer e arquiteto Max Schiefer, que não vinha à Unicamp há 32 anos. Ele é o autor do logotipo da Universidade. “Mal reconheci o campus”, disse ele ao chegar à porta da Reitoria, onde foi recebido pelo vice-reitor José Tadeu Jorge e pela diretora do Arquivo Central/Siarq, Neire Rossio Martins.

Max foi convidado a desenvolver a logomarca da Unicamp pelo escritório de engenharia Bross, Dos Santos e Leitner a pedido do reitor e fundador da Unicamp, Zeferino Vaz. “Ele queria uma marca que fosse forte e eu, depois de analisar todas as variantes possíveis, acabei optando por conceber o logotipo a partir do próprio plano diretor do campus”, revelou Max. “Isso permitiu que o símbolo da Unicamp, além de harmonioso na forma, servisse como uma espécie de guia da es-



O arquiteto e artista plástico Max Schiefer

trutura física do campus”.

O criador da marca da Unicamp recebeu do vice-reitor um conjunto de copos e xícaras com a logomarca gravada. Também levou um botom com o símbolo, além do livro Unicamp 35 anos, elaborado pelo Siarq e um CD do coral Zíper na Boca.

Seminário discute segurança alimentar

O Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alimentação (Nepa) apresenta no dia 16 (quarta-feira), às 15 horas, os principais resultados das pesquisas desenvolvidas pelos pesquisadores do Núcleo no seminário Segurança Alimentar no Brasil. Os professores Délia Rodriguez Amaya (FEA), Celso Costa Lopes (FEA) e Walter Belik (IE) apresentarão os projetos no Salão Nobre da Faculdade de Engenharia de Alimentos. Na ocasião também será lançado o livro *Combate à Fome e à Pobreza Rural*, organizado por Maya Takagi, José

Graziano da Silva e Walter Belik. A obra é fruto dos debates realizados durante o Seminário Internacional Políticas de Segurança Alimentar e de Combate à Fome e à Pobreza Rural.

Na abertura, Délia fala sobre a “Tabela Brasileira de Composição de Alimentos (Taco)”. Na sequência, Lopes apresenta o projeto “Agricultores Familiares e Produção de Alimentos com Certificação Social” e Belik aborda Abastecimento e Segurança Alimentar Municipal. As palestras são abertas aos interessados em geral. Mais informações pelo telefone: 3788-7320.

Música de câmara no auditório da Adunicamp

O Trio Camaleon se apresenta no dia 16 de outubro no auditório da Adunicamp. O espetáculo, que privilegia a música de câmara, começa às 12h30. O grupo foi formado há quase um ano pelos professores Esdras Rodrigues (violino), Emerson Biaggi (viola) e Dimos Goudaroulis (violoncelo). O repertório montado para o dia 16 reúne peças de Luigi Boccherini e Ludwig Beethoven.

Esdras, Emerson e Dimos reuniram-se em 2001 com a proposta de realizar interpretação histórica do repertório de câmara para trio de cordas do final do século 18 e do começo do século 19. O que para eles significa reproduzir uma sonoridade coerente com a da época, utilizando instrumentos com arcos originais e cordas de tripa. A forma de executar as peças também depende de pesquisa científica.

Segundo Rodrigues, o projeto inicial é utilizar o Camaleon tanto como trio de cordas, ou como um núcleo para formações camerísticas variadas: quarteto com instrumento de sopro, quarteto com piano e quarteto ou quinteto de cordas.

O grupo já se apresentou em importantes de concertos de música de câmara, como o da Fundação Maria Luisa e Oscar Americano (São Paulo), a Série Pinacoteca dos Concertos Bakboston (São Paulo) e a série Música no Mosteiro (Vinhedo).

Foto: Divulgação



Trio Camaleon, que se apresenta no dia 16 de outubro na Adunicamp

VIDA ACADÊMICA



Painel da Semana

Pedagogia – De 14 a 18 (segunda a sexta-feira), das 14 às 22h30, a 2ª Semana da Pedagogia “A Educação e as transformações sociais: O papel do professor/educador como agente transformador”. Inscrições pelo www.lite.fae.unicamp.br/cap. Dia 15 (terça-feira), às 10 horas acontece a sessão solene para a outorga de título de professor emérito a Dermeval Saviani, na Sala do Conselho Universitário da Unicamp (Consu). Dia 15 (terça-feira), às 15h30, Abertura da Exposição: “Educação: Espaços, Tempos e Memórias”, no Salão Nobre da FE. Realização: Centro de Memória da FE. Exposição até 20 de novembro. Dia 17 (quinta-feira), às 9 horas, palestra “Sociologia das profissões: permanência e/ou rupturas?”, com professora Aparecida Neri de Souza (FE/Unicamp), na Sala da Congregação da FE.

Curso AFPU – Curso de Licitação de 29 a 31 de outubro, das 9 às 12 h, no Auditório da AFPU. Haverá uma limitação de duas vagas por Unidade. Somente poderão se inscrever os servidores já indicados pelas respectivas Unidades nas demandas enviadas no início do ano. Os interessados devem entregar a ficha de inscrição preenchida e assinada pela chefia imediata, na AFPU, até dia 15 (terça-feira), das 8h30 às 17 horas. Informações: www.afpu.unicamp.br.

Segurança alimentar – O Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alimentação (Nepa) apresenta no dia 16 (quarta-feira), às 15 horas, os principais resultados das pesquisas desenvolvidas pelos pesquisadores do Núcleo no seminário Segurança Alimentar no Brasil. Os professores Délia Rodriguez Amaya (FEA), Celso Costa Lopes (FEA) e Walter Belik (IE) apresentarão os projetos no Salão Nobre da Faculdade de Engenharia de Alimentos. Na ocasião também será lançado o livro *Combate à Fome e à Pobreza Rural*, organizado por Maya Takagi, José Graziano da Silva e Walter Belik. A obra é fruto dos debates realizados no Seminário Internacional “Políticas de Segurança Alimentar e de Combate à Fome e à Pobreza Rural”.

Coleta de sangue – A unidade volante do Hemocentro estará em frente a Catedral para coleta de sangue nos dias 15, 16 e 17 (terça, quarta e quinta-feira), das 8 às 12 horas.

Ensino de Matemática – O material *Cuisinaire* no Ensino de Frações na Escola Fundamental dia 19 (sábado). Professoras da Unicamp: Maria Célia Garbi Zutin, Maria Célia Mendonça Brito Passos e Miriam Sampieri Santinho (LEM/IMECC). Destina-se a Professores da 1ª a 6ª séries do Ensino Fundamental, professores do magistério, coordenadores pedagógicos e alunos de Licenciatura em Matemática. O curso Jogos na aula de Matemática, com as professoras Maria Lúcia Bontorim de Queiroz também acontece no dia 19. A proposta é apresentar e discutir jogos como estratégia para aprendizagem, fixação de conceitos e desenvolvimento de habilidades para a resolução de problemas. Destina-se a Professores de Matemática, Coordenadores Pedagógicos e Alunos de Licenciatura em Matemática. Informações: 3788-5929.

Congresso médico – 11º Congresso Médico Acadêmico da Unicamp acontece nos dias 19 (sábado), 21, 22 e 23 de outubro de 2002, no Conjunto de Salas de Aula da FCM - Unicamp. As inscrições podem ser realizadas no Centro Acadêmico Adolfo Lutz com Cidinha ou através de depósito bancário. Informações: (19) 3289-3088, comau@hotmail.com ou pelo site: www.comau.cjb.net.

SAE Aerodesign – Talentos de 34 universidades do Brasil participam da 4ª Competição SAE Aerodesign nos dias 18 e 19 de outubro. As duas equipes que atingirem maior pontuação nas provas ganham o direito de representar o Brasil na próxima etapa da competição SAE Aerodesign East, que acontece de 2 a 4 de maio de 2003, em Dayton, Ohio, Estados Unidos. Informações (11) 4990-1806 ou 9658-5828, msdiogo@companhiadeimprensa.com.br.



Em Dia

Qualidade – Prossegue até 25 de outubro o evento Viva com Qualidade, organizado pelo Centro de Atenção Integral à Saúde da Mulher (Caism). A programação inclui uma série de palestras, defesa de tese, exposições, apresentação de corais, encontro musical, ginástica e exposição de livros. O objetivo é estimular a integração entre funcionários. Informações sobre o programa: telefone 3788-9355.

Desenhos e pinturas – A Galeria de Arte Unicamp/IA (térreo da Biblioteca Central) apresenta a exposição Macaparana de desenhos e pinturas até 25 de outubro. Aberta de segunda a sexta-feira, das 9 às 17 horas. Informações: 3788-7453, www.iar.unicamp.br/galeria.

Diagnóstico – 5º Curso Internacional de Avanços no Diagnóstico em Gastroenterologia, prossegue até 31 de outubro. Estão sendo esperados médicos da Argentina, Angola, Bolívia, Cabo Verde, Colômbia, Costa Rica, Equador, El Salvador, Guiné Bissau, Moçambique, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, São Tomé e Príncipe, Uruguai e Venezuela. Dentro do curso estará sendo realizado o 3º Curso Internacional de Hepatologia da Unicamp, que tratará de temas sobre transplante hepático, Hepatite B, Hepatite C, Hemorragia digestiva na hipertensão portal, Carcinoma hepato-celular. Informações: www.gastrocentro.unicamp.br, telefone: (19) 3788-8563 ou claudete@gc.unicamp.br.

Portinari – Exposição Portinari Arte e Ciência até 31 de outubro na Casa do Lago da Unicamp. De segunda a sexta-feira, das 8 às 18 horas. Organização: IBM/Projeto Portinari e Unicamp.

Boletim eletrônico – Foi lançado a segunda edição do *Nics News* - o jornal eletrônico do Nics (Núcleo Interdisciplinar de Comunicação Sonora). Endereço: www.nics.unicamp.br/nicsnews/.

Revista – Acaba de ser lançada nova edição da Revista *Pró-Posições*, periódico quadrimestral da Faculdade de Educação da Unicamp. Dossiê, resenhas e artigos compõem o número. Informações: 3788-5565.



Oportunidades

Mobilidade funcional – Processo seletivo para Técnico em Informática 1 para a Faculdade de Educação. Inscrições até 18 de outubro na Seção de Recursos Humanos, das 9 às 16 horas. Jornada: 40 horas semanais no horário das 14 às 23 horas. Haverá prova escrita, análise de currículo e entrevista. Informações: 3788-5607.

Videoconferência – Novo mini-curso desenvolvido pela equipe de suporte técnico a EAD do Centro de Computação da Unicamp. Este mini-curso tem o título “Conceitos Básicos sobre Videoconferência” e pode ser acessado a partir do endereço <http://www.ead.unicamp.br>, item “Mini Cursos”. O conteúdo deste mini-curso é livre, regido pela licença FDL (Free Documentation License) e pode ser usado sem restrições. Foi desenvolvido por Renata Castilho e Luciana Meneghel, com o apoio de Cláudio Martinez e Roander Scherrer.

Bolsas de estudo – O Laboratório Nacional de Luz Síncrotron (LNLS) realiza o 12º Programa Bolsas de Verão para estudantes universitários da América Latina. O Programa oferece aos estudantes selecionados a oportunidade de realizarem um projeto científico ou tecnológico, sob orientação, nos meses de férias de verão - janeiro e fevereiro de 2003. As inscrições serão recebidas pelo LNLS até 21 de outubro. Leia mais informações no site www.lnls.br.

Mobilidade funcional 2 – A Faculdade de Engenharia Química abre inscrições para preenchimento de uma vaga na função Profissional da Área de Informática 1 para atuar junto ao Setor de Informática do Departamento de Engenharia de Sistemas Químicos. Inscrições: 21 a 25 de outubro. Local: Secretaria de Comissões e Concursos da FEQ, Bloco A térreo. Horário: das 9 às 11 horas e das 14 às 16 horas.

Teses em andamento – 8º Seminário de Teses em Andamento do IEL nos dias 30, 31 de outubro e 1º de novembro. O tema será “Linha de montagem do conhecimento?”. De acordo com a comissão organizadora serão colocados em discussão os prazos estabelecidos pelas agências de fomento. Também serão discutidos temas do interesse da comunidade científica do IEL, de relatórios de pesquisa de

alunos. As inscrições são gratuitas pelo e-mail para seta2002@iel.unicamp.br ou direto na Secretaria de Pós-Graduação do IEL até 29 de outubro.

Educação e Comunicação – 1º Simpósio de Educação e Comunicação de Campinas (Secom) com o tema Os meios de comunicação na construção do conhecimento: ainda um desafio. Dia 27 de novembro, no Salão Nobre da Faculdade de Educação. O objetivo é criar espaço para a reunião de pesquisadores, professores e outros interessados na relação educação e comunicação. As inscrições são gratuitas, mas limitadas e deverão ser feitas pela Internet. Envie um e-mail para os endereços: aldo@unicamp.br, iruberti@unicamp.br e kassy@unicamp.br. As propostas de comunicação em pôster só serão aceitas, impreterivelmente, até o dia 30 de outubro.

Geologia – O Instituto de Geociências está recebendo inscrições para os cursos de mestrado e doutorado. O processo de seleção de pós-graduação em Geologia, na área de Administração e Política de Recursos Minerais, tem inscrições para mestrado até 31 de outubro. Na Área de Metalogênese Geoquímica para mestrado, as inscrições vão até 31 de novembro. Em ambas as áreas, as inscrições acontecem durante todo ano. Contatos pelos telefones 3788-4653 ou 3788-4696, dgm@ige.unicamp.br. Informações também no site www.ige.unicamp.br.

SBPC – Primeiro prazo de inscrição para autores que enviarão trabalho(s) para a 55ª Reunião Anual da SBPC de 20 de novembro a 25 de dezembro. Quem fizer a inscrição neste prazo garantirá vantagens exclusivas: desconto de 50% no valor da inscrição; segunda análise para trabalho não aceito; resposta da análise do trabalho em fevereiro/2003. Mais informações no site: www.sbpnet.org.br/eventos/55ra.

Trabalho e sindicalismo – O Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho (Cesit) recebe até 22 de novembro as inscrições para o Curso de Especialização Economia do Trabalho e Sindicalismo. As aulas começam em 10 de março de 2003. O curso visa a formação de profissionais para ocupar posições de assessoramento ou direção de órgãos públicos e privados no campo de economia e relações de trabalho. O aluno aprovado obterá o Certificado de Especialização em "Economia do Trabalho e Sindicalismo". Informações: 3788.5713/3788.5735/3788.5736 ou e-mail: posgrad@eco.unicamp.br.



Teses da Semana

Biologia – "Caracterização fenotípica e molecular de amostras de *Escherichia Coli* isoladas de coelhos no Estado de São Paulo" (doutorado). Candidata: Adriana de Sousa Penteado. Orientador: professor Antonio Fernando Pestana de Castro. Dia 18 de outubro, às 10 horas, na Sala de Defesa de Tese da Pós-Graduação do IB.

Ciências Médicas – "Detecção de infecção genital por papilomavírus humano e anormalidades citológicas em mulheres jovens de baixo risco para doenças sexualmente transmissíveis" (mestrado). Candidata: Eliane Regina Zambelli Mesquita de Oliveira. Orientadora: professora Sophie Françoise Mauricette Derchain. Dia 16 de outubro, às 9 horas, no Anfiteatro do Caism.

Economia – "Financiamento do ensino superior no Brasil - uma contribuição com base na experiência da Unicamp" (mestrado). Candidato: Leonardo Velasco Rondon. Orientador: professor Mario Ferreira Presser. Dia 14 de outubro, às 10 horas, na Sala IE-23 (Pavilhão da Pós-Graduação do Instituto de Economia).

Educação Física – "A Educação Física na roda de capoeira... entre a tradição e a globalização" (mestrado). Candidata: Paula Cristina da Costa Silva. Orientador: professor Lino Castellani Filho. Dia 18 de outubro, às 14 horas, na Sala da Congregação da FEF.

Engenharia de Alimentos – "Proteínas de soro de sangue bovino: propriedades nutritivas e funcionais" (mestrado). Candidata: Ana Lúcia Prata. Orientador: professor Valdemiro Carlos Sgarbieri. Dia 17 de outubro, às 14 horas, no Salão Nobre da FEA.

"Extração, purificação e caracterização bioquímica de peroxidase de folhas de *Copaifera Langsdorffii* (COP)" (doutorado). Candidata: Hermelinda Penha Freire Maciel. Orientadora: professora Gláucia Maria Pastore. Dia 18 de outubro, às 9 horas, no Salão Nobre da FEA.

"Influência de pré-tratamentos na obtenção de produtos secos do caju (*Anacardium occidentale* L.)" (doutorado). Candidata: Patricia Moreira Azoubel. Orientadora: professora Fernanda Elizabeth Xidieh Murr. Dia 18 de outubro, às 9 horas, na sala 31 do Departamento de Engenharia de Alimentos da FEA.

Engenharia Elétrica e de Computação – "Papel dos controles secundários numa análise de estabilidade de tensão em regime permanente" (mestrado). Candidato: Andre Saraiva de Paula. Orientador: professor Anésio dos Santos Jr. Dia 18 de outubro, às 15 horas, na sala de Defesa de Teses da CPG - Térreo.

Estudos da Linguagem – "No declínio, de Visconde de Taunay: o canto do cisne" (mestrado). Candidata: Patrícia Aparecida Beraldo. Orientador: professor Eduardo Omelias Berriel. Dia 17 de outubro, às 9 horas, na Sala de Defesa de Teses do IEL.

Física – "Espectroscopia de multicoincidência aplicada ao estudo de moléculas" (doutorado). Candidata: Alexandra Mocellin. Orientador: professor Arnaldo Naves de Brito. Dia 18 de outubro, às 10 horas, no auditório da pós-graduação do IFGW.

Odontologia – "Avaliação de materiais restauradores em cavidades retrógradas preparadas com pontas ultrasônicas" (doutorado). Candidato: Eudes Gondim Junior. Orientador: professor Francisco José de Souza Filho. Dia 16 de outubro, às 8h30, na FOP.

"Estudo das diferenças de calibre entre as artérias vertebrais esquerda e direita por anatomia radiológica" (mestrado). Candidata: Cássia Maria Fischer Rubira. Orientadora: professora Heloisa Amélia Lima de Castro. Dia 14 de outubro, às 14 horas, na FOP.

Química – "Avaliação teórica de propriedades de clorofenóis e sua possível correlação com as respectivas toxicidades" (doutorado). Candidato: Muftah Mohamed Ali Basheer. Orientador: professor Rogério Custódio. Dia 16 de outubro, às 9 horas, na sala IQ-13.

"Preparação de novos agentes sililantes e suas aplicações na modificação da sílica gel cromatográfica" (doutorado). Candidato: César Ricardo da Silva. Orientador: professor Claudio Airoldi. Dia 18 de outubro, às 13h30, na Sala IQ-13.

"Espectroscopia no infra-vermelho: obtenção e interpretação de espectros de reflexão especular e constantes dielétricas". (doutorado). Candidato: Benedito Cláudio Trasferetti. Orientador: professor Celso Ulysses Davanzo. Dia 18 de outubro, às 14 horas, no Auditório do Instituto de Física.

Pesquisador fala sobre 'clima espacial'

RAQUEL CARMO DOS SANTOS

kel@unicamp.br

Joe H. Allen, secretário científico do Comitê Científico de Física Solar-Terrestre (SCOSTEP) do Conselho Internacional para a Ciência (ICSU) - entidade não-governamental que reúne todas as uniões científicas internacionais - esteve na Unicamp no último dia 2 de outubro. Reunido ao Brasil para de participar de Reunião da diretoria do SCOSTEP, promovida pela Academia Brasileira de Ciências, no Rio de Janeiro, e de encontros com a comunidade científica brasileira. Em São Paulo, também proferiu palestra na Universidade Presbiteriana Mackenzie. O pesquisador falou a estudantes e professores da Faculdade de Engenharia Elétrica e de Computação sobre efeitos do meio ambiente espacial nos dispositivos em órbita no espaço. Sua exposição se concentrou nas explosões solares e tempestades geomagnéticas e o impacto em materiais de satélites e seres humanos no espaço. Ele explica que os estudos o levaram a investigar falhas em satélites terrestres e as relações "solares-terrestres".

O Comitê do SCOSTEP, declara o secretário, se prepara, no momento, para um período de coordenação mundial de pesquisas sobre as explosões que acontecem no Sol e seus impactos no clima (longo prazo) e tempo (curto prazo) da Terra. Segundo Allen existem analogias com as grandes tempestades terrestres, o que ele chama de "clima espacial". O programa denomina-se CAWSES e será desenvolvido no quadriênio 2004-2008.

Pierre Kaufmann, pesquisador do Centro de Componentes Semicondutores (CCS) da Unicamp e professor titular do Mackenzie, é o primeiro representante oficial do Brasil junto ao SCOSTEP. No ano passado, o Brasil se tornou o mais novo membro da

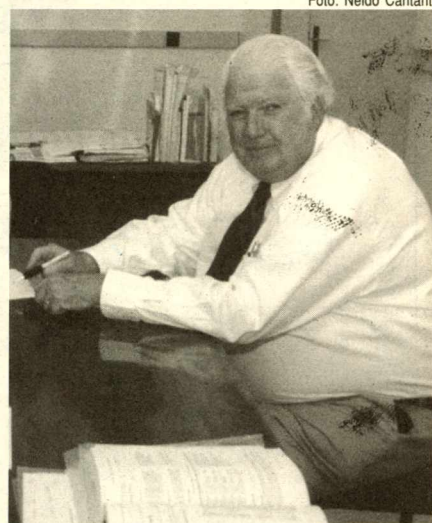


Foto: Neldo Cantanti

O pesquisador Joe. H. Allen: explosões solares e tempestades geomagnéticas

entidade através da Academia Brasileira de Ciências. De acordo com Kaufmann uma das áreas de interesse do CCS é justamente investigar danos em dispositivos semicondutores em satélites artificiais. "Os danos podem sofrer diretamente o impacto da atividade solar".

Allen classificou sua primeira visita ao Brasil como muito boa e frutífera. Ele se mostrou satisfeito com o entusiasmo demonstrado pela comunidade científica para futuros programas de cooperação. "Tive oportunidade de tomar conhecimento de projetos brasileiros que poderão ser inseridos no programa". O pesquisador também se sentiu estimulado ao falar aos jovens estudantes da Universidade. Ele destacou que sua lista de correspondentes chega a quatro mil pesquisadores de várias partes do mundo, sendo que 65 cadastros são de interessados brasileiros. Em sua opinião, trata-se de um número extremamente significativo. "É a maior lista do hemisfério sul. Maior que a da Austrália, considerado um dos países mais avançados nesta área".

Planejamento estratégico da Embrapa é tema de evento

Maria Barbosa, chefe da Secretaria de Administração Estratégica da Embrapa, apresenta no dia 18 (sexta-feira), às 10 horas, no Auditório da Biblioteca Central, a experiência da instituição com relação ao Planejamento Estratégico. O evento é promovido pela Coordenadoria Geral da Universidade como parte de um trabalho de sensibilização da comunidade universitária para elaboração do Planejamento Estratégico (Planes) da Unicamp. A palestra será dirigida aos diretores de unidades de ensino e pesquisa, docentes e interessados no assunto.

Atualmente, o Planes - ferramenta que permite programar ações da Unicamp no médio e longo prazo, em

função de sua missão e de seus compromissos sociais - está em sua segunda fase de implantação. De acordo com o vice-reitor, José Tadeu Jorge, não existem receitas prontas para implementação deste tipo de medidas, mas é importante ouvir as experiências positivas para orientar o processo na Universidade.

No dia 19 de novembro, às 14 horas, é a vez de Fernando Cabral falar sobre as ações na Universidade Federal de Santa Catarina. Os eventos acontecem no Auditório da Biblioteca Central. Informações mais detalhadas sobre o Planes e seu cronograma de implantação podem ser consultadas na página www.cgu.unicamp.br.

Visita - A ex-secretária geral da Unicamp Arlinda Rocha Camargo (foto) visitou a Unicamp no dia 4 de outubro, véspera do 36º aniversário da instituição, ocorrido no dia 5 de outubro. Dona Arlinda, como era chamada por todos quando dirigia a Secretaria Geral - o que fez por 24 anos de trabalho e seu primeiros quatro reitores - doou ao Siarq 34 cartões de prata recebidos pelo ex-reitor e fundador da Universidade, Zeferino Vaz, ao longo de sua trajetória de 12 anos como reitor. Dona Arlinda foi recebida pelo vice-reitor, professor José Tadeu Jorge.



Foto: Antoninho Perri

Parte da memória viva da história da Unicamp, Dona Arlinda trabalhou na instituição de 1967 a 1990. Mesmo antes de se transferir para Campinas, auxiliou a Comissão Organizadora durante a etapa de estruturação do projeto do campus e de elaboração do plano da Universidade.

No período inicial de instalação, coube a Dona Arlinda opinar, por exemplo, sobre a arborização do campus, obra da qual ainda restam vários resquícios, como os flamboyants que margeiam as avenidas principais.



Eventos futuros

Cemarx - O Centro de Estudos Marxistas (Cemarx) do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura, Esportes e Turismo, promovem, sob a organização do Museu da Imagem e do Som, uma mini-ciclo de cinema sob o tema História & Política no Brasil contemporâneo. Dia 30 de outubro será exibido o filme Jango, direção S. Tendler - debate com Caio N. de Toledo. Dia 20 de novembro será O que é isso, companheiro? Direção Bruno Barreto - debate com Marcelo Ridenti. Todos os debates acontecerão no auditório do Palácio dos Azulejos - R. Regente Feijó, 859/ Centro, com horário de início às 19 horas. Informações: 3735-0806

Planes - No dia 19 de novembro, às 14 horas, Fernando Cabral fala sobre o processo de implantação do Planejamento Estratégico na Universidade Federal de Santa Catarina. O evento acontece no Auditório da Biblioteca Central. A palestra é dirigida aos diretores de unidades, mas também podem participar interessados no processo na Universidade. Informações mais detalhadas sobre o Planes e seu cronograma de implantação podem ser consultadas na página www.cgu.unicamp.br.

Hidrogênio - O Centro Nacional de Referência em Energia do Hidrogênio (CENEH) da Unicamp organiza o 1o Workshop Internacional de Células a Combustível. O evento será realizado no dia 31 de outubro, no Centro de Convenções da Universidade. Participam pesquisadores que discutirão células a combustível e as perspectivas para desenvolvimento dessa tecnologia no Brasil e no mundo. Programação completa na página www.ifi.unicamp.br/ceneh.

Meteorologia - 3o Encontro de Estudante da Pós-graduação em Meteorologia do INPE dias 4 e 5 de novembro, no Auditório do Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos em Cachoeira Paulista/SP. A participação é aberta a estudantes, professores e interessados em geral. Mais informações: www.xptec.inpe.br/products/queimadas/epgmet/

Milhares de documentos dos séculos 19 e 20 adquiridos pela Unicamp enriquecem acervo para pesquisa



Arquivo Edgard Leuenroth

Operários reunidos em São Paulo em foto do início do século 20: trabalhadores são tema de dois grandes projetos do Cecult/IFCH

Fotos: Neldo Cantanti

Identidade nacional e outras identidades

ANTONIO R. FAVA
fava@reitoria.unicamp.br

Há exatamente 115 anos, a edição 96 do jornal *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro publicava, na primeira página, entre os mais variados assuntos, uma crônica-poema de Machado de Assis intitulada *Gazeta de Hollanda*.

Esse é apenas um dos milhares de documentos que estudantes, professores e pesquisadores poderão ter acesso nas estantes do Arquivo Edgard Leuenroth (AEL) do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp. O acervo pertence à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e sua aquisição, em forma de microfilme, faz parte de um dos Projetos Coletivos desenvolvidos pelo Centro de Pesquisa em História Social da Cultura

(Cecult/IFCH), intitulado: *Cultura e diversidade no Brasil: para além da história da identidade nacional (séculos 19 e 20)*.

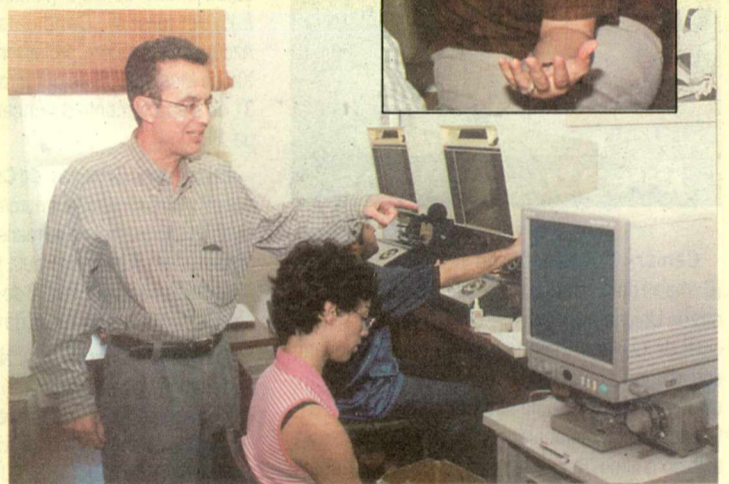
Além desse projeto, financiado pelo Pronex/CNPq, o Centro abriga ainda dois outros grandes projetos: *Santana e Bexiga. Cotidiano e cultura e trabalhadores urbanos em São Paulo e Rio de Janeiro entre 1870 e 1930*, um Projeto Temático Fapesp, e *Diferenças, territórios, identidades: os trabalhadores no Brasil, 1790-1930*, um programa de intercâmbio interinstitucional com apoio do Procada/CAPES.

Segundo o professor Sidney Chalhoub, do IFCH, um dos objetivos do projeto financiado

pelo Pronex/CNPq é tentar prover a Unicamp de uma infraestrutura de pesquisa em história e ciências humanas. A aquisição de microfilmes cria possibilidades para que a própria Universidade tenha condições de oferecer mais oportunidades de fontes de pesquisa para historiadores, professores e alunos de um modo geral.

Os microfilmes copiados da Biblioteca Nacional – que detém os originais – são catalogados e indexados no Cecult e enviados ao Arquivo Edgard Leuenroth. O trabalho é feito por bolsistas-trabalho do SAE (Serviço de Apoio ao Estudante) e permite que o acervo possa estar disponível para a consulta do público de forma mais rápida.

Objetivo é consolidar infraestrutura de pesquisa em história e ciências humanas



Os pesquisadores Sílvia Hunold Lara (destaque) e Sidney Chalhoub (acima): infraestrutura de pesquisa em história e ciências humanas

GARIMPAGEM

Para elaborar esse banco de dados, de onde são retiradas as informações pertinentes, por exemplo, onde se encontravam, a que clube pertenciam e onde se localizavam esses mesmos clubes, "a gente precisou mapear a cidade de São Paulo e, sobretudo, a cidade do Rio de Janeiro, onde a pesquisa se desenvolveu de modo mais consistente", ressalta Chalhoub. As informações foram retiradas de jornais e outros materiais impressos do século 19 e início do século 20. "Muitas vezes utilizamos até pequenos jornais ligados aos referidos grupos, que hoje são peças raras, cujos originais podem ser encontrados na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro", diz Sílvia.

O terceiro eixo estuda justamente quem falou ou escreveu sobre os operários, os negros, os trabalhadores de forma geral. "São os literatos, os cronistas que escreviam para jornais do século 19. Entre esses literatos estava Machado de Assis (1839-1908)", revela a professora Sílvia. Um exemplo disso é a crônica-poema que Machado de Assis publicou em 1887, no jornal *Gazeta de Notícias*.

Como resultado das pesquisas desenvolvidas por esse núcleo, há ainda um banco de crônicas, várias delas somente publicadas no século 19 e nunca mais reeditadas. Existe também uma linha de publicações do Cecult que está editando livros com séries de crônicas publicadas em jornais, com notas e comentários sobre o autor, fruto também do trabalho dos pesquisadores do Cecult. Investigando os textos produzidos por esses literatos e por folcloristas que estudaram diversas manifestações populares daquela época, é possível que pesquisadores da Unicamp descubram uma porção de coisas interessantes sobre a vida cotidiana, os valores e as estratégias de solidariedade e de luta dos trabalhadores dos séculos 19 e 20.

O último dos núcleos enfoca o que a historiografia costuma chamar de "tradições das festas", referindo-se ao carnaval e a outras festas populares. "Também para isso os jornais são peças fundamentais, pois preservam detalhes dessas muitas histórias e permitem saber mais sobre esses temas. Por isso, parte significativa do dinheiro que conseguimos com o projeto financiado pelo Pronex é aplicada na compra de rolos de microfilmes, que contêm jornais impressos dos séculos 19 e 20", explica Sílvia.

Clubes, cartórios e folgedos

O projeto financiado pelo Pronex/CNPq concentra quatro núcleos de pesquisa: "Culturas e identidades entre africanos e seus descendentes"; "Culturas de classe, trabalhadores urbanos"; "Os literatos e os 'outros': uma história social da literatura" e "Culturas do povo, 'cultura nacional': tradições e festas". O primeiro deles refere-se à história dos negros no Brasil, e utiliza documentos impressos, como os jornais, e vasto material arquivístico.

Há inúmeros trabalhos sendo desenvolvidos no próprio IFCH, que usam uma fonte que se tornou importante para esse tipo de pesquisa: a documentação cartorial, incluindo aí os processos cíveis e criminais, os inventários e os registros de alforria.

"Ainda nesse primeiro eixo, estamos procurando a identidade dos africanos que vieram para o Brasil e o que aconteceu com os descendentes deles, aqui", explica a professora Sílvia Hunold Lara, diretora do Cecult.

O segundo eixo trata da cultura e da história dos trabalhadores urbanos, dos operários. Esse é um campo que tem uma tradição de estudos, com suas peculiaridades. Mas, aqui, as pesquisas não enfatizam apenas a história do movimento operário, do sindicato ou dos partidos políticos. Buscam, notadamente, a história cotidiana dos trabalhadores, dos locais onde se reuniam, fora dos lugares mais tradicionais, das fábricas ou dos sindicatos.

"Nesse caso, há um grande ban-



Aquisição de microfilmes: novas fontes históricas

co de dados sobre clubes e sociedades em que os trabalhadores se organizavam nesse período. Os pesquisadores recolhem dados sobre as sociedades dançantes, clubes de carnaval... É uma tentativa de pesquisar a experiência dos trabalhadores de uma forma mais ampla do que examinar só os operários de uma determinada produção", diz o professor Sidney Chalhoub.